

O INTELLECTUAL EM MARX/Engels E LENIN: UMA POSSÍVEL QUESTÃO DO
OUTRO

Antonio dos Santos Valente

Dissertação submetida como requisito parcial para
obtenção **do grau de mestre** em Educação.

Orientador: ESTHER GUIMARÃES

Rio de Janeiro

Fundação Getúlio Vargas

Instituto de Estudos Avançados em Educação

Departamento de Filosofia da Educação

1988

ÍNDICE

pg.

INTRODUÇÃO

MARX/Engels: A NEGAÇÃO

LÊNIN: A REDENÇÃO

OUTRAS PALAVRAS: O QUESTIONAMENTO

CONCLUSÃO: UMA POSSÍVEL QUESTÃO DO OUTRO

RESUMO

A dissertação apresenta uma série de citações das obras de MARX/Engels e Lênin que traduziriam a posição destes autores sobre a questão dos intelectuais. Em outro capítulo são postas em confronto, também através de citações de suas obras, o posicionamento de diversos autores contemporâneos a respeito da mesma questão, tendo por base o pensamento daqueles autores clássicos.

A dissertação inova na forma de apresentar as citações, as quais são autonomizadas e trabalhadas por processos variados em cada uma das partes e acompanhadas, por vezes, de breves comentários do autor. Uma introdução em forma de auto-entrevista procura esclarecer e justificar as inovações adotadas, discutindo os critérios e normas do Mestrado para a elaboração de dissertações.

Uma pequena conclusão reúne citações literárias que reabrem a discussão em outro contexto no qual o tratamento do assunto parece se realizar sob novos parâmetros.

"A dialética pressupõe a capacidade de o sujeito revolucionário transformar a realidade objetiva e, ao mesmo tempo, se transformar: isso não se consegue automaticamente, é preciso tomar iniciativas fecundas para obter tal resultado. O sujeito que cede à tentação de se instalar numa crença excessivamente segura, então, passa a tentar comandar com arrogância a mudança da sociedade (dos outros) sem enfrentar o desafio de promover sua própria mudança, sem se empenhar em sua "autotransformação" (como preconizava Marx)".

(Leandro Konder)

"Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não, que passam ou não passam".

(Gilles Deleuze)

INTRODUÇÃO

Por que você resolveu apresentar a metodologia sob a forma de entrevista ?

Em primeiro lugar porque este fato, por si só, já é significativo em relação ao que eu pretendo discutir sobre metodologia. Significa, por exemplo, que eu procurei uma forma que fosse capaz de expressar do melhor modo o que eu pretendo dizer e demonstrar. No caso presente, como a discussão sobre metodologia é mais ou menos uma discussão sobre a dissertação - como ela foi realizada, como está apresentada, etc. - a entrevista me pareceu uma forma adequada e válida. Ela permite, por exemplo, maior espontaneidade. Enfim, é uma forma adotada deliberadamente para se obter determinado resultado e isso tem muito a ver com a discussão de metodologia que iremos apresentar.

Você pretende discutir a metodologia conforme é entendida no Mestrado, certo ?

Correto.

Então vamos lá. Como a situação se apresenta para você ?

O Mestrado (falo aqui em Mestrado tomando-o como uma Instituição) alega que o seu objetivo pedagógico, o objetivo que é colocado para o aluno – é uma espécie de exercitação do método. O Umberto Eco, que escreveu um livro sobre como fazer uma tese, insiste neste aspecto e chega a citar o exemplo de Marx que teria produzido uma tese de pouco valor em relação a sua obra futura na qual êle vê esta exercitação. Alguns Mestrados – creio que as instruções do IESAE falam nisso – recomendam que o aluno não procure ser original...

E você não concorda com isso...

Claro que não. Mas veja bem, não porque isto seja inteiramente falso. Na realidade trata-se de uma meia verdade que é manipulada com objetivos muito pouco científicos.

Em que termos você critica esta atitude do Mestrado ?

Em primeiro lugar, não creio que se possa separar deste modo o que se pretende dizer, descobrir, apresentar, etc. da maneira pela qual se vai dizer, descobrir, apresentar. Neste contexto, por exemplo, fala-se muito em disciplina, em disciplinar o pensamento, como um objetivo pedagógico fundamental.

Mas quando se isola desta maneira a disciplina, acaba-se no campo da moral. Termina-se falando em mortificação ao invés de disciplina metodológica... Em segundo lugar, desestimular a originalidade e a criatividade é, em princípio, perigoso. Por outro lado, como se pode demonstrar que originalidade e criatividade se antagonizam com disciplina ?

Parece que as Normas do Mestrado não falam que não se deve ser original mas que "não precisa"...

Bem, não sejamos ingênuos...

Por que você diz isso ?

Veja bem, uma recomendação deste tipo está voltada claramente para o objetivo de restringir a expressão e o seu efeito é, de qualquer modo, inibidor. Nessa esfera não há necessidade de ser muito explícito. Não importa que a expressão seja "não deve", "não precisa" ou qualquer outra. O que prevalece é a sua carga afetiva restritiva. Aliás, a expressão que consta efetivamente das Normas do IESAE é "não se espera", o que apenas comprova que a sutileza é o estilo preferido das instituições...

Essa postura que você critica pode ser, então, constatada objetivamente nos documentos oficiais ?

Em alguns aspectos sim, mas isto não é inteiramente necessário para configurar a situação. Por um lado temos este caráter sutil da ação institucional oficial. Por outro, a instituição possui diversos rituais, mais ou menos informais, através dos quais esta concepção restritiva do seu comportamento pedagógico se realiza. Além disso, existem forças contrárias a esta tendência dentro da própria instituição que faz com que a situação varie mesmo nos documentos oficiais. As atuais normas do IESAE, por exemplo, são bem flexíveis e arejadas (tanto que eu espero ver esta dissertação aceita e aprovada...) mas elas foram feitas em substituição a outras que por sua vez substituíram as anteriores. Enfim, trata-se de um processo, de um conflito permanente de tendências cuja predominância de uma ou de outra varia no tempo. Numa das regulamentações do IESAE, por exemplo, aparece até um "exemplo de dedicatória"...

Quer dizer, então, que se trata apenas de uma tendência à restrição, ou seja, que existem possibilidades de mudanças e de aberturas ?

Eu não diria "apenas" porque se trata da tendência predominante. Mas veja bem: o Mestrado foi motivo de grande frustração dos educadores pelo que assimilou e repetiu de vícios do sistema educacional existente anteriormente à sua implantação no Brasil.

O Mestrado parece ter aberto mão, voluntariamente, do grau de autonomia e das possibilidades de inovação que a sua implantação tardia e a sua própria posição no sistema escolar lhe conferia.

De uma forma mais concreta, a que se pode atribuir esta resistência, digamos, conservadora; a predominância da tendência restritiva ?

O Mestrado é uma instituição da sociedade, quer dizer, não é algo inteiramente autônomo e isolado. Logo, sofre todas as determinações que estão presentes na sociedade. No seu caso específico, existe toda uma rede de interesses que vai desde aqueles interesses políticos maiores expressos pelo controle e distribuição de verbas, passa pelos interesses corporativos e até mesmo individuais dos professores, pois não devemos nos esquecer que estes são, em última análise, assalariados, e que não excluem, sequer, os interesses dos próprios alunos, para os quais o diploma, com o timbre e o carimbo da instituição, se constitui num capital cultural de valor considerável em suas vidas concretas. Para se ter uma idéia de como este complexo de determinações atua na prática, basta ver o seguinte exemplo. O Mestrado estabeleceu a regra de que das bancas examinadoras deve participar um professor que não pertença aos seus quadros. Ora, o objetivo desta regra

é nitidamente liberalizante e o seu significado a virtude do Mestrado admitir a possibilidade de as determinações institucionais intervirem de forma restritiva na sua ação pedagógica. Contudo, o efeito de tal medida é inteiramente anulado na medida em que as fronteiras da instituição do Mestrado não se limitam a este ou aquele Estabelecimento, prevalecendo as mesmas determinações para os professores convidados. Isto fica claro quando se observa o costume de não se remunerar este professor, tudo correndo por conta de uma espécie de "troca de favores" entre os diversos Estabelecimentos. Repare, entretanto, que não considero este fato como algo ilícito mas, sem dúvida, ele anula, de alguma forma, o objetivo que se atribui a esta participação de um professor externo.

Bom, vamos voltar à questão do método.

Sim, o que eu observo é que uma ação pedagógica que vise conduzir o aluno a uma aprendizagem, a um domínio da metodologia, melhor dizendo, do procedimento metódico, deve ser muito cuidadosa, enquanto que, no Mestrado, o que se nota é a restrição do conceito de método, a sua transformação em um pequeno conjunto de regras e comportamentos ao qual o aluno deve se ajustar. Ora, esta concepção isola de maneira arbitrária determinados aspectos do procedimento metódico, empobrecendo e dificultando enormemente o

aprendizado, o desenvolvimento da capacidade de expressão do aluno.

Mas um certo rigor não é necessário ?

O rigor é necessário para qualquer produção. De propósito vou citar o exemplo da produção artística a fim de, por antecipação, impedir que se diga que o rigor é exclusivo da produção científica. A produção artística, hoje em dia, é bastante controlada, econômica, ideológica e politicamente. No entanto, o controle dessa produção é bem mais flexível. Nenhum editor é tolo o bastante para definir o que vem a ser um romance, para estabelecer em quantas partes ele deve ser dividido, etc. É significativo por exemplo, que quase todos os grandes pintores tenham pintado simples vasos com flores... Creio que o Mestrado ganharia bastante se refletisse um pouco sobre os processos de criação artística.

Você falou que as normas e procedimentos do Mestrado isolam de terminados aspectos do processo de produção. Neste caso existi riam outros aspectos...

... que não são considerados, que são deliberadamente excluídos. Mas antes, gostaria de mencionar um outro fato bastante significativo. Ocorre que nem sempre — eu diria até poucas vezes — o aluno que acaba produzindo uma dissertação ruim seja, ele pró-

prio uma pessoa medíocre, destituída de idéias, intuições e experiências interessantes. O mais freqüente é o próprio aluno reconhecer que a dissertação ficou muito aquém do que ele pretendia e do que sabe por experiência e estudo. Verifica-se então que foram justamente as normas, as regras, ou seja, o método, que esterilizaram o aluno, que o confundiram, que fizeram abortar suas experiências e instituições iniciais. Ora, isso é um desvirtuamento completo da função do método. Muitas vezes o próprio professor-orientador também se sente frustrado. É comum toda a aventura terminar numa tremenda barafunda, extremamente dolorosa e desgastante para todos, de tal forma que ambos, aluno e professor, se cumpliciam no único desejo de pôr um fim ao sofrimento, escolhendo a maneira mais honrosa de dar por terminada a dissertação.

Um final melancólico...

Sim, se não fôr trágico. O mais irônico, porém, é que o Mestrado, assim, acaba produzindo o resultado oposto ao que dizia buscar com as regras e normas sobre o método. Termina tendo que validar, que reconhecer com timbre, carimbo e assinatura, produções das quais, no íntimo, se envergonha. Mas é obrigado a reconhecer, justamente, porque foram realizadas de acordo com todas as normas e regras. Pode-se supôr, inclusive, — como aliás constatou uma professora — que muito dos

alunos que poderiam produzir boas dissertações, terminem desistindo do Mestrado por não suportarem as limitações impostas pelas suas regras...

E quais são as características das dissertações assim produzidas ?

O mais cruel é o seu processo de produção. Daria um longo inventário de dramas e cenas patéticas. Sei até de casos de suicídio... Todos que passaram por este processo possuem dele amargas recordações. Hoje em dia chega a ser facilmente reconhecível socialmente o portador da "síndrome da tese"... Mas o que está errado no processo pode ser constatado também pelo seu resultado. Em muitas dessas dissertações o que se observa é que, juntando-se todas as suas partes, rigorosa e logicamente constituídas, elaboradas sob a mais perfeita forma de pensar e investigar, não bate coisa com coisa. Ou, então, ao contrário, tudo combina, tudo se encaixa perfeitamente. Tão perfeitamente que esta mesma perfeição que constitui toda sua falta de vigor, a sua debilidade assética, o seu raquitismo super-protegido. As indefectíveis "partes" em que o método divide a dissertação, todas as regras de raciocínio e expressão — que no meu modo de ver não passam de vícios, de cacoetes, de formas estereotipadas repetidas ad nauseam — produzem um efeito emasculador, retirando da dissertação toda a sua energia. O produto final é, com frequência, uma enfa

donha e enervante repetição do que já foi exaustivamente dito anteriormente; muitas vezes em outras tantas dissertações, a singela constatação de obviedades percebidas por qualquer um a olho nú. Quando alguma pequena parte possui realmente interesse, não se percebe a utilidade de todo o resto, e por ai vai.

Vamos voltar, então, a questão dos "outros fatores".

Sim, eu pergunto se é possível eliminar do método todos os fatores conjunturais que interferem na elaboração da dissertação. E não se diga que se trata de fatores subjetivos os quais devem ser eliminados a fim de não comprometer a objetividade necessária ao trabalho científico. Refiro-me a fatores realmente subjetivos mas que norteiam, que dirigem o pensamento para tal ou qual aspecto objetivo da realidade. A procura e a escolha do método é, sem dúvida, um processo no qual a subjetividade deve estar fortemente presente. Trata-se de um processo repleto de afetividade, na medida em que é o momento mais importante da criação, da investigação, da expressão de uma forma geral. Tem-se falado muito em desejo para identificar estes fatores. Pode ser que seja, mas, neste caso, o desejo, seria sua forma final. Falar apenas em desejo pode-se cair, realmente, no reino de uma subjetividade total. Além disso dever-se-ia, neste caso, levar em conta que existem desejos pervertidos. Aqueles

que impõem metodologias também agem segundo seus desejos... No entanto, o desejo ou seja, aquela força interior, aquela vontade que impulsiona e energiza a atividade e cuja ausência é a constatação mais típica e mais dolorosa que se pode fazer em certas dissertações, este desejo, não é nada misterioso e não precisa ser, necessariamente, identificado com aspectos mágicos que constituiriam a subjetividade. Prefiro, então, falar de fatores conjunturais e circunstanciais que poderiam também serem traduzidos como a vida do sujeito e que, segundo penso, não podem ser simplesmente ignorados na determinação do método que este sujeito deverá utilizar para pensar, produzir e se expressar.

Você acha que o método conforme é entendido no Mestrado não leva em conta estes fatores ?

Pelo contrário, a sua necessidade é justificada exatamente para excluí-los. Daí o método tornar-se uma forma, uma camisa de força, aséptica de vida, que esteriliza o aluno, esvaziando-lhe de desejo. Mas como este desejo estava nas inúmeras experiências da sua vida, o método elimina, na verdade, é a sua vida. O aluno tem que fazer um parêntese na vida para elaborar a dissertação. Como a vida continua e não obedece aos parênteses, ou ele se esquizofreniza ou produz um monstro no qual não

reconhece suas próprias mãos ou, ainda, na melhor das hipóteses, produz um filho muito limpinho, muito asseado mas como um bebê de laboratório, fruto de uma concepção assexuada.

Você sofreu todo este processo ?

Se não tivesse sofrido não estaria, agora, falando dele.

Quero dizer, como você lidou com este problema ?

Eu resisti muito, embora, é bom que se diga, nem sempre com inteira razão, isto é, nem sempre com clareza sobre as críticas e sobre o caminho a seguir.

Poderia explicar isso melhor ?

Quando eu digo que é preciso levar em conta os fatores conjunturais e circunstanciais que fazem parte da vida do aluno, não quero dizer que estes fatores são sempre e em sua totalidade positivos. Ao contrário, na maioria das vezes eles ou alguns dos seus aspectos são negativos, são improdutivos, ou seja, representam obstáculos à sua produção. Aliás, com frequência, é por isso que a pessoa procura o Mestrado e eu sustento que saber lidar com estes problemas, saber destrinchar, desenrolar a vida

do aluno para que ele consiga se expressar, é que seria a sua função pedagógica. Não acredito é que o método, as regras que o Mestrado já tem prontas como válidas para todos seja a forma adequada de lidar com o problema. Na verdade, este método e estas regras simplesmente buscam eliminar o problema, isto é, ignorá-los, não levá-lo em consideração, com os resultados já mencionados anteriormente.

Como este processo ocorreu com você ?

Quando eu entrei no Mestrado estava muito confuso. Haviam ocorrido mudanças radicais na minha atividade profissional, havia me separado a pouco tempo... O país também estava em processo de mudanças, enfim uma coisa se liga à outra. O caso é que eu tinha muitas experiências, tinha vontade de dizer muitas coisas, mas estava confuso e também um pouco despreparado em termos de estudo para dizer o que desejava.

E por quê, então, você não se submeteu ao método da instituição ?

Eu não direi que me recusei deliberadamente. A recusa é intuitiva, uma espécie de instinto de defesa. Não me fazia bem, não me sentia bem. Houve mo

mentos, inclusive, em que tentei mas o resultado nunca me agradava e, a ser assim, eu preferia desistir de tudo. Acho que a recusa tem a ver com a história de vida de cada um, embora eu tenha observado que poucos alunos se adaptam voluntariamente. De qualquer forma, acredito que o aluno não recusa o método da instituição por possuir outra alternativa mas porque não tem método algum. Mas aí vem a instituição e diz que ter método é seguir determinadas regras e normas e eu entendo que o problema é outro.

Qual seria o problema, então ?

Para mim sempre aparecia como uma questão de encontrar o meu modo de expressar. Um modo que teria a ver tanto com a minha história particular, com as minhas experiências, personalidade, etc. como com o assunto do qual pretendia tratar. Ora, tanto a busca desse método quanto o método em si, não pode dispensar os fatores conjunturais e circunstanciais, os dados de vida do sujeito. Entendo, hoje, que a busca e a descoberta do método é um processo bastante individual, diria mesmo, bastante íntimo...

Não lhe parece que, segundo suas idéias, a instituição acabaria realizando um trabalho psicanalítico ?

Pois não pense que esta observação seja absurda. É uma questão que, inclusive, surgiu num Seminário que organizamos para discutir o processo de elaboração da dissertação. Mas eu responderia o seguinte: a psicanálise está muito presente nesta problemática, neste processo todo, quer a instituição queira ou não. Alguns professores, percebendo a complexidade da situação, se não fazem propriamente psicanálise, procuram incorporar a vida dos alunos em suas aulas ou no processo de orientação. Por outro lado, a grande maioria dos alunos ou já fez, ou está fazendo ou irá fazer psicanálise. Seguramente os psicanalistas são os orientadores ocultos da maioria das dissertações de mestrado...

Isso inclui você ?

Perfeitamente.

Mesmo assim, você se recusou a utilizar o método institucional ?

Sim, porque ele não apenas confunde mais ainda o aluno que já está confuso mas também porque ele é,

em si mesmo, estéril, ineficaz e improdutivo. Pode-se observar que quando nos deparamos com uma boa dissertação é porque, de algum modo, o aluno se defendeu do método. Aliás, a este respeito ocorre um fato significativo. É muito comum o sujeito escrever a dissertação de um jeito e publicá-lo de outro, o que demonstra como o método mais impede a expressão do que a libera, mais atrapalha do que ajuda.

Você acha possível demonstrar o erro dessa concepção de método, quer dizer, com exemplos mais gerais e objetivos ?

Eu refleti sobre o próprio exemplo de Marx utilizado por Umberto Eco, ao qual pode-se acrescentar o caso dos dois outros grandes teóricos do marxismo: Lênin e Gramsci. Todos eles produziram fortemente influenciados por fatores conjunturais e circunstanciais. Grande parte da obra de Marx são discursos, artigos de revista e jornal, crítica de livros, etc. A sua obra principal - O Capital - que poderia ser tomada como exemplo de uma produção inteiramente metódica, ou seja, produzida de acordo com esta concepção purista de método, foi elaborada de forma freqüentemente tumultuada e significativamente inacabada... Basta mencionar, por outro lado, o caráter singular da sua relação com Engels

para se ter idéia da influência dos fatores de vida a que me refiro. Lênin, por sua vez, escreveu com uma mão enquanto fazia a revolução soviética com a outra. Escreveu exilado, clandestino, viajando, enfim, sempre em condições ditadas pela sua vida concreta e, obviamente, sempre determinado por essas circunstâncias. E Gramsci, qual foi o seu método escrevendo na prisão pequenas anotações num caderno ? Pois bem, ninguém questiona o valor da obra desses pensadores. Note-se, além disso, como as circunstâncias determinaram métodos diferentes para cada um deles. Enfim, método não seria tudo isso, todas as circunstâncias objetivas e subjetivas (uma distinção meio tola, no caso) nas quais cada um deles produziu sua obra ? É disso que eu estou falando. Dizem que as universidades européias são muito mais rígidas do que as nossas sobre esta questão do método. No entanto, esses três grandes autores que mencionei são europeus e, ironicamente, todo o rigor metodológico das universidades é utilizado para estudá-los. Talvez seja por isso que essas universidades produzam muitos Althusser mas nenhum Marx, Lênin ou Gramsci...

Já que você tocou neste ponto, as diferenças entre o mundo de desenvolvido e o subdesenvolvido entraria, de alguma forma nesta questão ?

Creio que sim. A Europa, o mundo desenvolvido em geral, tem de nós a idéia de que não temos método, de que somos mentalmente indisciplinados, etc. Por outro lado, sabemos que muito das posturas acadêmicas em nosso meio são meras transposições acríticas do mundo desenvolvido. Levar em conta, na concepção de método, a realidade do país, do continente, etc., das condições políticas e culturais mais gerais, pode ser visto como um correlato do que venho considerando, apenas, em relação ao aluno, ao indivíduo.

Neste campo, seria preciso cuidado para não cair no elogio da improvisação...

... e outras coisas mais. Por isso não gostaria de insistir neste aspecto da questão. Gostaria de ressaltar apenas que não tenha nada contra a técnica, o planejamento, a disciplina e o rigor na produção. Nenhum método dispensa tudo isto. Discuto, somente, o que considero uma concepção estreita – e nitidamente ideológica – do que seja método, ressaltando mais o que esta concepção nega do que aquilo que ela afirma.

Poderíamos, então, voltar a este ponto ?

Sim. Um método sempre restringe. O método é mais para restringir do que para ampliar, isso é evidente. Contudo a concepção do que seja um método, esta não pode restringir.

Esta concepção deve ser abrangente, é isso ?

Exatamente. Esta concepção deve ser suficientemente aberta e flexível para permitir a entrada de to das as formas possíveis de abordagem da realidade, já conhecidas ou que venham a ser descobertas.

Poderia explicar melhor essa concepção ampla do método ?

Refiro-me ao que se estabelece como podendo ser um método. Não se pode ser rígido nesta questão sem impedir (e toda norma rígida, toda ortodoxia no pior sentido acaba necessitando de uma polícia) que novas formas de abordagens venham a surgir. Mas como, apesar do policiamento, é muito difícil impedir, principalmente numa sociedade complexa como a contemporânea, que essas formas novas proliferem, o mais comum é se tentar desqualificá-las, surgindo daí a discussão sobre o que é ou não é científico, o que pode ou não ser levado em conta baseadas não no produto da pesquisa ou reflexão mas no método utilizado. Mas a própria instituição se deixa trair

neste ponto, quando os seus membros adotam dois comportamentos, duas linguagens distintas: uma para o público interno outra para o público externo, para a sociedade em geral.

Você citaria algum exemplo dessas metodologias desqualificadas ?

Costumo mencionar – mais por provocação – como exemplo dessa atitude, o caso da frase clássica do político mineiro: "No Brasil o que importa não é o fato, mas a versão". Defendo que uma frase destas possui valiosas indicações para o estabelecimento de uma metodologia, desde que se admita, em princípio, que seria uma ingenuidade sociológica considerá-la, apenas, uma frase engraçada ou a expressão de uma marotice política. Outro exemplo – ainda a título de provocação – diz respeito à obsessão metodológica pelas conexões entre os raciocínios, as idéias, as partes, etc. Lembro-me da advertência que vem impressa nos talões do jogo-do-bicho: "Vale o escrito". Ora, por que não se admitir outras e novas convenções a respeito das conexões ? Por que só "valer" os critérios totalizantes de uma concepção de método à qual se pretende que toda a forma de pensar e se expressar deva se ajustar? Conexões que, na maioria das vezes, só possuem utilizi

dade real para manter a integridade do próprio método ? Sirvo-me, novamente, do exemplo da produção artística. Nenhum artista se preocupa em captar a totalidade do assunto sobre o qual se expressa. Não se preocupa em estabelecer conexões sequer entre suas próprias obras, muito menos com as de terceiros. "Vale" apenas "o escrito". Vale o que está dito, captado expresso, sem nenhum compromisso com as regras, os desejos e as indiossincrasias de quem quer que seja.

E, deste modo, se estaria produzindo com desejo ?

E com rigor, é bom que se diga. Produzir com desejo não é festividade, não se confunde com indolência e relaxamento. Todavia, não acredito em expressão sem emoção, afetividade, desejo, enfim, se se quizer utilizar este termo. Expressar-se, por sinal, não diz respeito apenas à linguagem escrita, muito menos, então, à redação de uma dissertação. Expressar-se diz respeito à totalidade da vida da pessoa. A expressão não pode ser reduzida, arbitrariamente, a uma "questão de método" a ser normatizada por uma instituição, por um curso de Mestrado. Ninguém poderá se expressar se a exigência fôr deixar de viver, fôr estabelecer uma pausa impossível

na vida. O importante, a este respeito, não é que a expressão seja de tal ou qual forma. O importante é o significado da metodologia, da forma de expressão para a totalidade da vida do sujeito. Lembro-me de um professor que observou que o Mestrado parecia não estar sabendo responder à demanda dos alunos. Ele falou isto de uma maneira neutra, isto é, sem valorizar a questão, apenas constatando. Mas este professor sustentava que havia necessidade de se produzir o que chamava de "monografias de base", alegando que, com frequência, se falava de muitas coisas sem comprovação, se concluía com pouca base nos fatos, etc. Ao que pude perceber, contudo, este professor se dava muito bem com o trabalho de pesquisar documentos raros, de garimpar papéis antigos nos arquivos em busca de documentos pouco conhecidos. Conclui, então, que este modo de trabalhar deveria harmonizar-se com o seu jeito de ser, com sua vida em geral. Sendo assim, não há nada de extraordinário em que ele produza as "monografias de base", de resto bastante úteis e necessárias. Mas isso, evidentemente, não tem nada a ver com a eleição deste objetivo e da metodologia que lhe é correspondente, como devendo ser o objetivo de todos. Essa harmonia entre o trabalho, a

metodologia e a vida da pessoa é que deve ser preservada. Quanto ao mais, o que deve prevalecer é a diversidade pois, como disse o poeta popular, existem "infinitas formas de amar e viver". Fora disso, restará a uniformização estéril e opressora, a ditadura do método, o conservadorismo e o totalitarismo de toda espécie.

Bem, vamos falar agora da sua dissertação.

Pois é, quase que não a faço.

Por que ?

Eu não conseguia produzir nada que me agradasse. Então achava melhor desistir. Somente quando estava decidido a não fazer e quando este fato não era mais motivo de angústia e frustração é que consegui realizá-la do jeito em que está agora.

Conte como foi essa estória, como você chegou a essa dissertação.

As vezes eu mesmo me faço esta pergunta. Tem a estória do tema e a do processo. A do tema, por exemplo, é interessante. A minha formação inicial foi

toda no campo mais estrito da educação, da educação como técnica, escolanovista, educação científica, etc. E, no entanto, terminei numa temática como a dessa dissertação. Mas eu sinto que tudo faz sentido, quer dizer, que existe uma ligação entre as minhas preocupações iniciais e o assunto dessa dissertação.

Poderia ser mais concreto, contar a estória ?

Quando eu entrei no Mestrado já havia passado das preocupações puramente técnicas para as questões políticas e sociológicas. Percebi, entretanto, que os sociólogos não conseguiam resolver, justamente, o problema da técnica e, até pior, que havia um movimento de retorno à técnica, às chamadas questões metodológicas e isso de uma forma muito equivocada. No início a minha preocupação era com este assunto. Acontece que eu havia começado a trabalhar numa instituição social e ali fui colocado – porque vivendo – de forma muito forte diante da problemática do trabalho do técnico, mais precisamente do técnico da área social, daquele que tem o outro como objeto e produto do seu trabalho. Pareceu-me, então, ao final, que tudo era uma questão só.

E sobre o processo ?

Primeiro aconteceu de eu não ter separado um período de estudo da elaboração. Misturei tudo e isso foi muito angustiante, embora não propriamente improdutivo ou inútil. Eu admito que não poderia ter sido de outra forma. Não creio que se deva raciocinar dessa maneira para se avaliar um processo qualquer. Ao contrário, o meu processo foi o processo concreto de um aluno concreto. Se a instituição fôr selecionar seus alunos por critérios ideais, acabará ficando sem alunos ou com robôs que, as vezes, ela mesma fabrica.

Mas o que determinou que o processo, para você, fosse este ?

Várias coisas determinam este processo. A condição psicológica, a condição social e econômica, a idade, o momento e as exigências políticas, enfim essas coisas banais da vida de todo mundo. O fato é que eu tive que ler muita coisa, que entrar em assuntos que eu via pela primeira vez. Dai ter trabalhado um pouco atabalhoadamente.

Você leu muito ?

Uns cinco metros de livros.

E como foi o final desse processo ?

Eu escrevi muitos textos. Alguns como ensaios, outros como estudos. Mas, no conjunto não me agradavam, quer dizer, não me agradavam como caminho para elaborar a dissertação. A orientadora dizia que o que eu havia produzido já dava - acho esta expressão muito significativa - uma dissertação. E isso só fazia eu desprezar mais ainda esta produção.

E por que isso ?

Devido aquela questão do caminho, do método de que já falei. Eu dizia à orientadora que o meu problema não era aquele material que ela dizia "já dar" uma dissertação. O problema era a minha forma de expressão e que isso nem sequer dizia respeito, apenas, à tarefa de escrever uma dissertação.

Era um problema, então, de natureza psicológica ?

Não, de jeito nenhum. O que me levava a recusar os caminhos que ia experimentando era a compreensão de que eles não conduziriam a coisa nenhuma, por mais certinha e bonita que a dissertação saísse. A

rejeição - o problema psicológico a que a pergunta se refere - deriva daí. É o que venho dizendo: O caminho que se toma já diz aonde se vai chegar. Quem toma o caminho estereotipado, chega a lugares já conhecidos. Não são caminhos no sentido de métodos, isto é, que conduzem a descobertas. São caminhos dos quais já se conhece todo o trajeto e o ponto de chegada. Não é por acaso que a instituição diz que tudo não passa de um simples exercício. Nunca se precisa ler inteiramente algumas dissertações de mestrado. As vezes a primeira página já diz tudo que se vai encontrar ali. Outras podem ser lidas pelos rodapés, pelas citações. Não há nada mais fácil do que lêr alguns destes calhamaços. Não nos toma meia hora.

E a sua dissertação, é boa afinal ?

Não é nada de excepcional, não acrescenta nada ou quase nada ao que já se sabe sobre o assunto. É algo muito simples e pequeno, muito inicial à abordagem da problemática que coloca. No entanto, ela não é ruim no mesmo sentido das que eu tenho comentado aqui. Ela é simples mas não é conformada. Não creio que possa ser considerada medíocre. Ela tem a virtude de não significar um ponto final, não teve a pretensão de ser conclusiva e total. E isso

é o que acho que deve ser avaliado numa dissertação de mestrado. Aliás, é isso que a pedagogia do Mestrado diz pretender. Só que, na prática, a orientação segue noutro sentido. Aqueles calhamaços conclusivos e totais que o Mestrado as vezes produz não tem nada de iniciante. Pelo contrário, percebe-se claramente que o aluno chegou morto ao seu final ou, pelo menos, seriamente avariado.

E de onde provêm este caráter da sua dissertação ?

Creio que da forma, do caminho, do método. Da maneira como procurei lidar com o assunto, da maneira de apresentá-lo. Até porque o seu conteúdo não traz grandes novidades.

Falemos disso, então.

Gostaria de me deter mais um pouco nesta questão do assunto, do tema, do objeto enfim. A maneira pela qual o Mestrado lida com esta questão do objeto também mereceria ser examinada com cuidado. Muito do que se disse sobre a metodologia se aplica também a esta questão, até porque estão muito interligadas. De certo modo, uma concepção de metodologia como a que defendo, implica também em que não se

possa determinar o objeto de acordo com as regras e normas estabelecidas pela instituição para essa determinação. No caso concreto da minha dissertação pode-se, é claro, dizer que o seu objeto é a aquele que o seu título indica. Contudo, eu não a postaria nisto ou, na melhor das hipóteses, considero esta determinação irrelevante. No meu entender, cada dissertação é parte de uma investigação maior cujo objeto não é a soma de diversos objetos parciais. Enfim, o que desejo ressaltar é que a determinação do objeto possui um valor muito pequeno e que não deveria adquirir a importância que o Mestrado lhe atribui. A sua determinação é sempre relativa e, na verdade, é realizada quase sempre a contra-gosto. Absolutizar esta questão, sacralizar o objeto, transformando a sua determinação num cavalo-de-batalha termina por ter utilidade apenas para os objetivos inibidores da produção.

Mas, afinal, qual seria o seu objeto ?

É um objeto em formação que seu eu soubesse determinar nos termos precisos em que as normas do Mestrado exigem, ele não teria mais nenhum interesse. A dissertação, no meu entender, é uma aproximação do objeto, ou melhor, é um esforço para a sua constituição. No meu caso específico, independente da

profundidade e da importância do conteúdo da dissertação, o que fica preservado é a busca do objeto, o que me é revelado pela preservação, pela não violentação da minha forma própria de expressão.

E como você chegou à atual delimitação do tema da dissertação ?

Quando eu resolvi fazer a dissertação tal como está, decidi apresentar o que MARX/Engels, Lenin e Gramsci disseram sobre o que se poderia chamar de a questão do intelectual. Com isso cobriria o que se pode considerar como os grandes marxistas clássicos. Foi uma opção de somente apresentar o que estes autores disseram, até porque a maioria das dissertações se limitam a isso. Todavia, como, em geral, grande número de dissertações procura ocultar este fato, comecei a me interessar pela idéia de realizar a mesma coisa mas deixando este fato bastante evidente. Dai derivou a idéia de trabalhar de forma diferente as citações e de acrescentar essa discussão sobre metodologia.

E porque Gramsci acabou não sendo incluído ?

Aconteceu que o pensamento de Gramsci não se ajustou a este projeto. Do modo como eu o percebia, Gramsci não se conformava nem a uma simples apre-

sentação atravês de citações e muito menos a ser-
vir como fechamento da questão, que é o que aconte-
ceria ao ser colocado após e em sequência à MARX/
Engels e Lenin. A minha percepção de Gramsci era
muito mais no sentido de uma abertura da questão
do que do seu fechamento. Este fato, por outro la-
do, tornou muito mais clara para mim a adequação
do projeto em relação à MARX/Engels e Lenin.

E as outras partes da dissertação ?

Bem, o núcleo é o pensamento de MARX/Engels e Lenin
sobre a questão do intelectual. As outras partes
são complementares. As "Outras Palavras" são quase
um apêndice mas que ficou interessante porque são
posições muito referidas àqueles autores. Desta
forma funciona não apenas como um breve panorama
da discussão atualmente mas também como um comentá
rio da obra daqueles autores. Quanto a esta intro-
dução na verdade boa parte dela foi escrita bem an-
tes de eu haver definido, delimitado essa disserta-
ção. Para mim ficou evidente que se ajustava bem
ao projeto.

E o que significou para você elaborar a dissertação deste mo-
do ?

Significou resolver o problema principal com o qual eu me preocupava durante os estudos e as tentativas de apresentar seus resultados. O problema, conforme já disse, consistia em elaborar um trabalho que não violentasse minha forma própria de expressão. Isto porque eu pressentia que se isso ocorresse – até porque já vi ocorrer com muita gente – haveria uma interrupção, uma frenagem no desejo e na capacidade de continuar estudando e investigando o assunto. O que me satisfez foi não ter ocorrido esta interrupção traumática. É claro que em relação ao Mestrado aos professores que irão julgar a dissertação, às regras e normas institucionais, significa um questionamento relativo à questão metodológica e a reivindicação de uma maior flexibilidade e abertura neste campo.

Fale então da metodologia utilizada no caso concreto da sua dissertação.

Um dos aspectos que pode ser destacado é o fato de as partes não serem trabalhadas da mesma maneira. E, afinal, por que deveriam ser? Já que se trata de partes, por que não acentuar suas singularidades? Isso, acredito, levanta a discussão sobre a questão das conexões lógicas do pensamento, da exposição, etc.

Por outro lado, tem o fato que já citei de se tratar, basicamente, da apresentação do pensamento dos autores. Decorre daí o tratamento todo especial das citações, incluindo o tratamento diferenciado de cada autor e, sobretudo, uma maior liberdade criativa quanto à apresentação e comentário dos seus pensamentos.

E como fica o problema de resguardar a fidelidade ao pensamento do autor ?

Sim, realmente, quase todas as restrições que o Mestrado coloca quanto à forma de lidar com as citações é justificada pela necessidade de não se deturpar o pensamento dos autores. Contudo, no meu modo de ver, estas restrições que dão origem a formas estereotipadas e uniformes de apresentação das citações é que podem, justamente, estar deturpando o pensamento dos autores. Por outro lado, na melhor das hipóteses, o que este procedimento determina é, apenas, um empobrecimento geral do trabalho de comentar as citações. Creio que ao se lidar com o pensamento dos outros, deve-se correr riscos, sob pena de, por medo e timidez, nada se comentar realmente.

E quais foram os riscos que você correu na sua dissertação ?

Sim, vamos falar disso mas gostaria de lembrar, primeiro, que entendo ter sido bem sucedido naquilo que arrisquei, isto é, entendo que as formas que utilizei para lidar com as citações não deturparam o pensamento dos seus autores. Tem, por exemplo, o fato de não seguir a ordem natural em que as citações aparecem numa obra nem sequer obedecer a uma sequência determinada de obras. Neste caso, pode-se realmente fazer uma montagem de textos de determinado autor que adultere o seu pensamento. Contudo não é certo que sempre que se utilizar este processo isto ocorrerá. De maneira que não se deve eliminar esta possibilidade, este recurso apenas devido ao risco que encerra. De qualquer modo, creio que se deve examinar cada caso e concluir se houve ou não deturpação. Neste exame, porém, deve-se estar preparado, caso não haja preconceito, também para a possibilidade, que realmente existe, de o processo ter enriquecido o trabalho de apresentação e comentário dos autores, de acordo com o objetivo a que a dissertação se propõe.

Parece que você utilizou, também, sinalizações diferentes da forma usual.

Sim, mas da forma usual do Mestrado, corrija-se. Acontece que a utilização de sinais e formas gráficas

em geral é outro aspecto pelo qual as regras e normas acadêmicas restringem a elaboração de um trabalho. Concordo que deva haver certas convenções, mas estas não podem impedir a procura e a descoberta de novas formas, até porque, como esta questão é dependente da tecnologia e do desenvolvimento cultural em geral, pode acontecer, como acho que é o caso atualmente, de se ficar anacrônico em relação à evolução técnica. Isto para não falar no que tais restrições representam como obstáculos ao trabalho pedagógico com os alunos, conforme comentamos anteriormente. Um caso é significativo em relação à utilização das formas e sinais gráficos. É conhecido o caráter singular da relação entre Marx e Engels. Sempre que se necessita trabalhar com as obras desses autores surge o problema de como citá-los: colocar só o nome de Marx e não fica correto porque a autoria da obra é também de Engels; colocar Marx e Engels além de dificultar a redação e a compreensão parece não satisfazer devido à principalidade notória de Marx, etc. Dai ter me sentido com liberdade para citá-los na forma gráfica - MARX/Engels, como singular - que traduzisse de maneira mais aproximadamente correta, aquela relação.

Existem outros casos além deste ?

Sim, o uso da barra (/), por exemplo, indica uma mudança de texto ou a omissão de frases de um mesmo texto. Optei por esta forma ao invés das reticências entre parênteses (...) porque permite maior abrangência. Esta última é utilizada apenas no caso de omissão de frases num mesmo texto, enquanto que a barra indica qualquer salto, até mesmo de uma obra para outra. Há pelo menos um caso em que eu enxerto uma frase de um texto dentro de um período de outro texto através deste recurso. Além disso, a barra tem a vantagem da simplicidade visual.

E quanto às indicações para a localização das fontes ?

Neste aspecto acredito que também existe muita intolerância e/conservadorismo. Concordo em que se deva indicar as fontes das/citações mas/creio que se pode ser mais flexível a fim de não se/cair num formalismo burocrático que acaba por dificultar o pensamento e a expressão ao invés de facilitá-los. No caso da minha dissertação, deixei de indicar as fontes de forma precisa (obra, edição, página, etc.) apenas em relação às/citações de MARX/Engels e Lenin. Parti do princípio de que as citações utilizadas são bastante conhecidas de quem porventura venha a examinar a dissertação. São, na verdade, citações clássicas de obras clássicas com as quais nos deparamos em

qualquer obra, por mais simples que seja, que trate daquele assunto. Além disso, a dissertação não tem o caráter de uma exegese, daí não acredito que haja interesse em confirmar esta ou aquela citação em particular. Pelo menos não seria esta a maneira correta de lê-la. Por outro lado, liberar-me das indicações tradicionais era imprescindível para a forma pela qual eu desejava apresentar e comentar as citações. Dispensei, também, as aspas, já que a alternância de maiúsculas e minúsculas é suficiente para indicar os textos dos autores. No caso das "Outras Palavras", como não se trata de autores clássicos – embora conhecidos, tanto quanto as suas obras e as citações propriamente ditas – mantive as indicações precisas, modificando, apenas, a maneira de apresentá-las: coloquei as obras e os autores no início e logo após cada citação a indicação do número da página entre parênteses.

Na parte dedicada a Lênin existe uma outra convenção quanto a mudança de texto e obra, não ?

Exato. Naquela parte utilizo a barra apenas para mudanças no interior de um mesmo texto. Ali os textos se distinguem pelo parágrafo, já que não utilizo nenhum texto com mais de um parágrafo. Creio que está

evidente que esta nova convenção visou preservar a forma, digamos, "discursiva" com que procurei apresentar o seu pensamento.

E sobre a apresentação de cada parte ?

O que eu senti em relação a MARX/Engels foi uma pluralidade. Ele é um iniciador, um fundador, muito/culto, e erudito. Sua obra não é linear, possui graus diversos de profundidade, aborda assuntos variados, tem muito estilo e colorido. Creio que foram essas sensações que me levaram àquela forma diversificada.

E quanto a Lênin ?

Lênin é mais linear. Seu estilo é panfletário. É prático, polêmico, quer convencer. A forma que usei tem a ver com estas impressões que me são muito marcantes quando examino, por exemplo, o índice das suas obras reunidas. A minha sensação em relação à Lenin foi de verticalidade. MARX/Engels seria horizontal e Lênin vertical.

No sentido de superfície e profundidade ?

Não, neste sentido não. Talvez seja apenas uma tradução visual de uma impressão geral deixada por suas

obras, suas idéias e suas personalidades.

E as "Outras Palavras" ?.

Esta parte ficou com a forma de um debate, de uma mesa redonda, embora eu tenha me inspirado na forma teatral, como se os autores fôsem personagens. Acho que transmite bem o caráter apendicular daquela parte. É algo mais descompromissado, como se fôsse algumas pessoas comentando a parte principal.

E quanto a esta nossa entrevista ?

Pois é, tem as razões de que já falei no início. Mas ela tem servido, também, para incorporar os comentários que vão sendo feitos por aqueles que lêem a dissertação, inclusive os professores e o orientador. Algumas perguntas estão neste caso. Acho isso interessante porque demonstra ser esta uma forma aberta de discussão, que se auto-alimenta, atualiza-se e evolui.

MARX/Engels: A NEGAÇÃO

Nenhum estudioso, mesmo aqueles mais geniais, chega a solucionar todos os problemas que as suas próprias descobertas suscitam. As características do momento histórico no qual as investigações são conduzidas determina que uma linha de interesses predomine em detrimento de outras abordagens possíveis. No caso de MARX/Engels esta linha de interesses parece apontar para o anúncio do surgimento histórico da classe operária, para a sua determinação na organização social e para a afirmação da sua missão histórica revolucionária. Assim, na abordagem das mais variadas questões, vemos, constantemente sobressair-se uma linha discriminatória acentuando a distinção de classes. Em termos gerais, o tratamento da questão dos intelectuais também se subordina a estas preocupações principais.

MAIS DO QUE O SER CONSCIENTE; E O SER DOS HOMENS É O SEU PRO
SER DOS HOMENS É O SEU PROCESSO DE VIDA REAL. A CONSCIÊNCIA
DO QUE O SER CONSCIENTE; E O SER DOS HOMENS É O SEU PROCESSO
NUNCA PODE SER MAIS DO QUE O SER CONSCIENTE; E O SER DOS HOM
VIDA REAL. A CONSCIÊNCIA NUNCA PODE SER MAIS DO QUE O SER CO
HOMENS É O SEU PROCESSO DE VIDA REAL. A CONSCIÊNCIA NUNCA PO

Insistirá, de início, na crítica das bases filosóficas da au-
tonomia da atividade intelectual (idealismo).

SEU SER SOCIAL QUE, INVERSAMENTE, DETERMINA A SUA CONSCIÊNCIA
HOMENS QUE DETERMINA O SEU SER; É O SEU SER SOCIAL QUE, INVE
SUA CONSCIÊNCIA. NÃO É A CONSCIÊNCIA DOS HOMENS QUE DETERMINA
INVERSAMENTE, DETERMINA A SUA CONSCIÊNCIA. NÃO É A CONSCIÊNCIA
O SEU SER; É O SEU SER SOCIAL QUE, INVERSAMENTE, DETERMINA A
É A CONSCIÊNCIA DOS HOMENS QUE DETERMINA O SEU SER; É O SEU
DETERMINA A SUA CONSCIÊNCIA. NÃO É A CONSCIÊNCIA DOS HOMENS

EM HEGEL, A DIALETICA ESTÁ DE CABEÇA PARA
BAIXO. É NECESSÁRIO PÔ-LA DE CABEÇA PARA
CIMA, A FIM DE DESCOBRIR A SUBSTÂNCIA RA-
CIONAL DENTRO DO INVÓLUCRO MÍSTICO.

Trazer a questão para o solo da vida real permite tomar o pro-
letariado como ator histórico.

PARA HEGEL, O PROCESSO DO PENSAMENTO, —
QUE ELE TRANSFORMA EM SUJEITO AUTÔNOMO
SOB O NOME DE IDÉIA, — É O CRIADOR DO RE-
AL, E O REAL É APENAS SUA MANIFESTAÇÃO EX
TERNA. PARA MIM, AO CONTRÁRIO, O IDEAL
NÃO É MAIS DO QUE O MATERIAL TRANSPOSTO
PARA A CABEÇA DO SER HUMANO E POR ELA IN-
TERPRETADO.

AS CONDIÇÕES ECONÔMICAS TINHAM A PRINCÍPIO TRANSFORMADO A MASSA DA POPULAÇÃO DO PAÍS EM TRABALHADORES. A DOMINAÇÃO DO CAPITAL CRIOU PARA ESSA MASSA UMA SITUAÇÃO COMUM, INTERESSES COMUNS. POR ISSO, ESSA MASSA É JÁ UMA CLASSE DIANTE DO CAPITAL, MAS NÃO O É AINDA PARA SI MESMA. NA LUTA, DE QUE SÓ ASSINALAMOS ALGUMAS FASES, ESSA MASSA REÚNE-SE, CONSTITUI-SE EM CLASSE PARA SI MESMA. OS INTERESSES QUE DEFENDE TORNAM-SE INTERESSES DE CLASSE.

Do ponto-de-vista a partir do qual realiza suas análises, a autonomia da atividade intelectual deverá ser sistemática e necessariamente negada.

TODAS AS FORMAS E PRO-
DUTOS DA CONSCIÊNCIA
PODEM SER RESOLVIDOS

PARA A GRANDE MASSA
DOS HOMENS, ESTAS RE-
PRESENTAÇÕES TEÓRICAS

NÃO

NÃO

PELA CRÍTICA INTELEC-
TUAL/MAS UNICAMENTE
PELA DESTRUIÇÃO PRÁ-
TICA DAS RELAÇÕES SO-
CIAIS CONCRETAS DE
ONDE NASCERAM AS BA-
GATELAS IDEALISTAS.

EXISTEM E, PORTANTO,
NÃO TÊM NECESSIDADE
DE SER SUPRIMIDA.

NÃO

É A CRÍTICA MAS A RE-
VOLUÇÃO QUE CONSTITUI
A FORÇA MOTRIZ DA HIS-
TÓRIA, DA RELIGIÃO,
DA FILOSOFIA OU DE
QUALQUER OUTRO TIPO
DE TEORIAS.

O surgimento da consciência autônoma é indissociável do estabelecimento de determinadas relações de produção. Reproduz no indivíduo a mesma fissura verificada no processo produtivo.

A DIVISÃO DO TRABALHO SÓ SURGE E FETI-
VAMENTE A PARTIR DO MOMENTO EM QUE SE
OPERA UMA DIVISÃO ENTRE O TRABALHO MA-
TERIAL E INTELECTUAL. A PARTIR DESTES
MOMENTOS, A CONSCIÊNCIA PODE SUPOR-SE
ALGO MAIS DO QUE A CONSCIÊNCIA DA PRÁ-
TICA EXISTENTE, QUE REPRESENTA DE FA-
TO QUALQUER COISA SEM REPRESENTAR AL-
GO DE REAL. É IGUALMENTE A PARTIR DES-
TE INSTANTE QUE ELA ENCONTRA-SE EM CON-
DIÇÕES DE SE EMANCIPAR DO MUNDO E DE
PASSAR À FORMAÇÃO DA TEORIA "PURA",
TEOLOGIA, FILOSOFIA, MORAL, ETC.

A atividade intelectual passa a ser, desde o início, prerrogativa e atributo da classe dominante.

A CLASSE QUE DISPÕE DOS MEIOS DE PRODUÇÃO MATERIAL DISPÕE I GUALMENTE DOS MEIOS DE PRODUÇÃO INTELECTUAL, DE TAL MODO QUE O PENSAMENTO DAQUELES A QUEM SÃO RECUSADOS OS MEIOS DE PRODUÇÃO INTELECTUAL ESTÁ SUBMETIDO IGUALMENTE À CLASSE DOMINANTE.

NA MEDIDA EM QUE DOMINAM ENQUANTO CLASSE E DETERMINAM UMA ÉPOCCA HISTÓRICA EM TODA A SUA EXTENSÃO, É LÓGICO QUE ESSES INDIVÍDUOS DOMINEM EM TODOS OS SENTIDOS, QUE TENHAM, ENTRE OUTRAS, UMA POSIÇÃO DOMINANTE COMO SERES PENSANTES, COMO PRODUTORES DE IDÉIAS, QUE REGULAMENTEM A PRODUÇÃO E A DISTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE SUA ÉPOCA.

ATRAVÉS DA DIVISÃO DO TRABALHO TORNA-SE
POSSÍVEL AQUILO QUE SE VERIFICA EFETIVAMENTE:
MENTE:

QUE

A ATIVIDADE INTELECTUAL	E MATERIAL
O GOZO	E O TRABALHO
	A PRODUÇÃO
E O CONSUMO	

CAIBAM A INDIVÍDUOS DISTINTOS.

Mesmo quando a especificidade da atividade intelectual parece se impôr, a preocupação maior de MARX/Engels é impugnar sua autonomia, reduzindo-a à própria classe, cujo caráter se constitui na sua determinação fundamental e exclusiva.

a divisão do trabalho/MANIFESTASE IGUALMENTE NO SEIO DA CLASSE DOMINANTE SOB A FORMA DE DIVISÃO ENTRE O TRABALHO INTELECTUAL E O TRABALHO MATERIAL, A PONTO DE ENCONTRARMOS DUAS CATEGORIAS DIFERENTES DE INDIVÍDUOS NESSA MESMA CLASSE.

UNS SERÃO OS PENSADORES DESSA CLASSE (OS IDEÓLOGOS ATIVOS, QUE REFLETEM E TIRAM A SUA SUBSTÂNCIA PRINCIPAL DA ELABORAÇÃO DAS ILUSÕES QUE ESSA CLASSE TEM DE SI PRÓPRIA)

E OS OUTROS TÊM UMA ATITUDE MAIS PASSIVA E MAIS RECEPTIVA FACE A ESSES PENSAMENTOS E A ESSAS ILUSÕES, PORQUE SÃO, NA REALIDADE, OS MEMBROS ATIVOS DA CLASSE E DISPÕEM DE MENOS TEMPO PARA PRODUZIREM ILUSÕES E IDÉIAS SOBRE AS SUAS PRÓPRIAS PESSOAS/

MAS QUANDO SURGE UM CONFLITO PRÁTICO EM QUE TODA A CLASSE É AMEAÇADA, ESSA OPOSIÇÃO DESAPARECE E CAI A ILUSÃO DE QUE AS IDÉIAS DOMINANTES NÃO SÃO AS IDÉIAS DA CLASSE DOMINANTE E DE QUE TÊM UM PODER DISTINTO DO PODER DESSA CLASSE.

Para MARX/Engels o surgimento da consciência autônoma é inseparável da dominação de classe pela via das relações de produção. Dai que o seu desenvolvimento jamais terá sido verdadeiramente autônomo mas sempre subordinado aos interesses dominantes nessas relações. Desde a época mais primitiva, na qual a consciência, pela primeira vez, pode refletir sobre o puro agir, até a moderna produção capitalista, instituiu-se um processo de trabalho no qual a classe dominada coube sempre a ação material, enquanto que a atividade intelectual surge e se desenvolve como instrumento do seu domínio.

O CAMPONÊS E O ARTESÃO INDEPENDENTES DESENVOLVEM, EMBORA MODESTAMENTE, OS CONHECIMENTOS, A SAGACIDADE E A VONTADE COMO O SELVAGEM QUE EXERCE AS ARTES DE GUERRA APURANDO SUA ASTÚCIA PESSOAL. NO PERÍODO MANUFATUREIRO, ESSAS FACULDADES PASSAM A SER EXIGIDAS APENAS PELA OFICINA EM SEU CONJUNTO. AS FORÇAS INTELECTUAIS DA PRODUÇÃO SÓ SE DESENVOLVEM NUM SENTIDO, POR FICAREM INIBIDAS EM RELAÇÃO A TUDO QUE NÃO SE ENQUADRE EM SUA UNILATERALIDADE. O QUE PERDEM OS TRABALHADORES PARCIAIS, CONVERTE-SE NO CAPITAL QUE SE CONFRONTA COM ELES. A DIVISÃO MANUFATUREIRA DO TRABALHO OPRIME-LHES AS FORÇAS INTELECTUAIS DO PROCESSO MATERIAL DE PRODUÇÃO COMO PROPRIEDADE DE OUTREM E COMO PODER QUE OS DOMINA./ESSE PROCESSO DESENVOLVE-SE NA MANUFATURA, QUE MUTILA O TRABALHADOR. REDUZINDO-O A UMA FRAÇÃO DE SI MESMO, E COMPLETA-SE NA INDÚSTRIA MODERNA, QUE FAZ DA CIÊNCIA UMA FORÇA PRODUTIVA INDEPENDENTE DE TRABALHO, RECRUTANDO-A PARA SERVIR AO CAPITAL.

"O homem de saber e o trabalhador produtivo se separam completamente um do outro, e a ciência em vez de permanecer em poder do trabalho, em mãos do trabalhador para aumentar suas forças produtivas em seu benefício, colocou-se contra ele em quase toda parte. O conhecimento torna-se um instrumento que pode separar-se do trabalho e opôr-se a ele".

A SEPARAÇÃO ENTRE AS FORÇAS INTELECTUAIS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO E O TRABALHO MANUAL E A TRANSFORMAÇÃO DELAS EM PODERES DE DOMÍNIO DO CAPITAL SOBRE O TRABALHO SE TORNAM UMA REALIDADE CONSUMADA, CONFORME VIMOS, NA GRANDE INDÚSTRIA FUNDAMENTADA NA MAQUINARIA.

O CAPITALISTA NÃO É
CAPITALISTA POR SER
DIRIGENTE INDUSTRIAL,
MAS ELE TEM O COMAN-
DO INDUSTRIAL PORQUE
É CAPITALISTA.

Mas a organização do trabalho deste modo de produção mais
adiantado representa um formidável avanço e desenvolvimen
to das forças produtivas. Como identificar, então, o que
é simples dominação e o que é desenvolvimento técnico ?
Como separar o joio do trigo ?

UM VIOLINISTA ISOLADO
COMANDA A SI MESMO,
UMA ORQUESTRA EXIGE
UM MAESTRO.

TODO TRABALHO DIRETA-
 MENTE SOCIAL OU COLE-
 TIVO, EXECUTADO EM
 GRANDE ESCALA EXIGE
 COM MAIOR OU MENOR IN-
 TENSIDADE UMA DIREÇÃO
 QUE HARMONIZE AS ATI-
 VIDADES INDIVIDUAIS E
 PREENCHA AS FUNÇÕES
 GERAIS LIGADAS AO MO-
 VIMENTO DE TODO O OR-
 GANISMO PRODUTIVO QUE
 DIFERE DO MOVIMENTO
 DE SEUS ÓRGÃOS ISOLA-
 DAMENTE CONSIDERADOS.

o trigo
 e o
 joio

o joio
 e o
 trigo

A DIREÇÃO EXERCIDA
 PELO CAPITALISTA NÃO
 É APENAS UMA FUNÇÃO
 ESPECIAL, DERIVADA
 DA NATUREZA DO PRO-
 CESSO DE TRABALHO SO-
 CIAL E PECULIAR A ES-
 SE PROCESSO; ALÉM
 DISSO ELA SE DESTINA
 A EXPLORAR UM PROCES-
 SO DE TRABALHO SOCI-
 AL, E, POR ISSO, TEM
 POR CONDIÇÃO O ANTA-
 GONISMO INEVITÁVEL
 ENTRE O EXPLORADOR E
 A MATÉRIA PRIMA DA
 SUA EXPLORAÇÃO.

o trigo

o joio

ERA MISTER TEMPO E EX-
PERIÊNCIA PARA O TRA-
BALHOR APRENDER A DIS-
TINGUIR

A MAQUINARIA

DE SUA

APLICAÇÃO CAPITA-
LISTA

E ATACAR NÃO OS

MEIOS MATERIAIS
DE PRODUÇÃO

MAS

A FORMA SOCIAL EM
QUE SÃO EXPLORADOS.

o
trigo

UM PERIÓDICO INGLÊS/DE 26 DE MAIO DE 1866, NOTICIA QUE, DEPOIS QUE SE FORMOU A SOCIEDADE ENTRE CAPITALISTA E TRABALHADORES NA WIREMORK COMPANY OF MANCHESTER "o primeiro resultado foi decréscimo súbito no desperdício de material, uma vez que os trabalhadores não podiam distinguir entre a parte de desperdício que recaia sobre sua própria propriedade e a que recaia sobre a do capitalista".

O MESMO PERIÓDICO DESCOBRE QUE O PRINCIPAL DEFEITO NA EXPERIÊNCIA DE COOPERATIVISMO DE ROCHDALE É O SEGUINTE: "Ela mostrou que associações de trabalhadores podem gerir lojas, fábricas e quase todas as formas de atividade com sucesso, e melhorou imediatamente a condição das pessoas; mas não deixou nenhum lugar visível para capitalistas". QUE HORROR !

e o
joio

SE O HOMEM, COM A CIÊNCIA E O GÊNIO INVENTIVO, SUBMETE AS FORÇAS DA NATUREZA, ESTAS SE VINGAM DELE SUBMETENDO-O, ENQUANTO AS EMPREGA, A UM VERDADEIRO DESPOTISMO, INDEPENDENTEMENTE DE TODA ORGANIZAÇÃO SOCIAL.

o trigo

e o joio

QUERER ABOLIR A AUTORIDADE NA GRANDE INDÚSTRIA É QUERER ABOLIR A PRÓPRIS INDÚSTRIA, É QUERER DESTRUIR AS FÁBRICAS DE FIO A VAPOR PARA VOLTAR À ROCA.

O dilema somente encontrará solução no futuro, quando a semente perder seu caráter natural e se tornar voluntária. Encerrada a pré-história, a humanidade atingirá o esplendor da Parusia.

NA SOCIDADE COMUNISTA, PORÉM, ONDE CADA INDIVÍDUO PODE APERFEIÇOAR-SE NO CAMPO EM QUE LHE APROUVER, NÃO TENDO POR ISSO UMA ESFERA DE ATIVIDADE EXCLUSIVA, É A SOCIEDADE QUE REGULA A PRODUÇÃO GERAL E ME POSSIBILITA FAZER HOJE UMA COISA, AMANHÃ OUTRA, CAÇAR DE MANHÃ, PESCAR À TARDE, PASTOREAR À NOITE, FAZER CRÍTICA DEPOIS DA REFEIÇÃO, E TUDO ISTO A MEU BEL-PRAZER, SEM POR ISSO ME TORNAR EXCLUSIVAMENTE CAÇADOR, PESCADOR OU CRÍTICO.

PODEMOS CONCLUIR DE TODO O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO ATÉ AOS NOSSOS DIAS QUE AS RELAÇÕES COLETIVAS EM QUE ENTRAM OS INDIVÍDUOS DE UMA CLASSE, E QUE SEMPRE FORAM CONDICIONADAS PELOS SEUS INTERESSES COMUNS RELATIVAMENTE A TERCEIROS, CONSTITUÍAM SEMPRE UMA COMUNIDADE QUE ENGLOBAVA ESSES INDIVÍDUOS UNICAMENTE ENQUANTO INDIVÍDUOS MÉDIOS, NA MEDIDA EM QUE VIVIAM NAS CONDIÇÕES DE VIDA DA MESMA CLASSE; TRATA-SE PORTANTO DE RELAÇÕES EM QUE ELES NÃO PARTICIPAM ENQUANTO INDIVÍDUOS, MAS SIM ENQUANTO MEMBROS DE UMA CLASSE. POR OUTRO LADO, NA COMUNIDADE DOS PROLETÁRIOS REVOLUCIONÁRIOS QUE PÔEM SOB O SEU CONTROLE TODAS AS SUAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA E AS DOS OUTROS MEMBROS DA SOCIEDADE, PRODUZ-SE O INVERSO: OS INDIVÍDUOS PARTICIPAM ENQUANTO INDIVÍDUOS.

A linha divisória invade, igualmente, a esfera da natureza do trabalho separando, também aí, a classe operária da atividade intelectual.

SER TRABALHADOR PRO-
DUTIVO NÃO É NEHUMA

FELICIDADE MAS AZAR.

Na intimidade dos processos econômicos a linha divisória se confunde e perde nitidez. A teoria se assemelha a uma charada.

TODO TRABALHADOR PRODUTIVO	SÓ É PRODUTIVO O TRABALHADOR
QUE PRODUZ MAIS-VALIA PARA	É TRABALHADOR ASSALARIADO O
QUE NÃO SIGNIFICA QUE TODO	O CAPITALISTA SERVINDO ASSIM
A AUTO-EXPANSÃO DO CAPITAL	TRABALHADOR ASSALARIADO SEJA

UM TRABALHADOR PRODUTIVO

Como se correspondesse à complexificação gradativa e inexorável do modo de produção, a linha divisória acelera a diversifica a direção do seu traço, compondo um quebra-cabeça de difícil solução.

<p>NÃO É O TRABALHADOR INDIVIDUAL MAS, CADA VEZ MAIS UMA CAPACIDADE DE TRABALHO SOCIALMENTE COMBINADA O QUE SE CONVERTE NO AGENTE REAL DO PROCESSO DE TRABALHO</p>	<p>A CONCEITUAÇÃO DE TRABALHO PRODUTIVO E DE SEU EXECUTOR, O TRABALHADOR PRODUTIVO, AMPLIA-SE EM VIRTUDE DESSE CARÁTER COOPERATIVO DO PROCESSO DE TRABALHO.</p>	<p>UM MESTRE-ESCOLA É UM TRABALHADOR PRODUTIVO QUANDO TRABALHA NÃO SÓ PARA DESENVOLVER A MENTE DAS CRIANÇAS, MAS TAMBÉM PARA ENRIQUECER O DONO DA ESCOLA.</p>
<p>DO MESMO MODO O TRABALHO NÃO PAGO DO TRABALHADOR ASSALARIADO COMERCIAL GARANTE UMA PARCELA DESSA MAIS-VALIA PARA O CAPITAL DO NEGOCIANTE.</p>	<p>O PRODUTO DEIXA DE SER O RESULTADO IMEDIATO DA ATIVIDADE DO PRODUTOR INDIVIDUAL PARA TORNAR-SE PRODUTO SOCIAL, COMUM, DE UM TRABALHADOR COLETIVO.</p>	<p>NO CASO DA PRODUÇÃO NÃO MATERIAL/A PRODUÇÃO CAPITALISTA SÓ PODE ALICAR-SE AQUI NUMA MEDIDA MUITO LIMITADA.</p>
<p>E, AQUI, É ABSOLUTAMENTE INDIFERENTE QUE A FUNÇÃO DE TAL OU QUAL TRABALHADOR, MERO ELO DESSE TRABALHO COLETIVO, ESTEJA MAIS PRÓXIMA OU MAIS DISTANTE DO TRABALHO MANUAL DIRETO.</p>	<p>TEMOS QUE MAIS E MAIS FUNÇÕES DA CAPACIDADE DE TRABALHO SE INCLUEM NO CONCEITO IMEDIATO DE TRABALHO PRODUTIVO, E SEUS AGENTES NO CONCEITO DE TRABALHADORES PRODUTIVOS.</p>	<p>ISTO PARECE CONFLITAR COM A NATUREZA DO CAPITAL DO NEGOCIANTE, VISTO QUE ESSA ESPÉCIE DE CAPITAL NÃO ATUA COMO CAPITAL PELO ACIONAMENTO DO TRABALHO DE OUTROS, COMO O FAZ O CAPITAL INDUSTRIAL.</p>

1848: MARX/Engels se depara com os intelectuais nas ruas de Paris, como protagonistas dos movimentos políticos. A linha divisória buscará demarcar a incômoda relação entre o intelectual e a classe. No pólo desta, introduz-se, com impertinência, a pequena-burguesia.

ESTA É, EM GERAL, A RELAÇÃO QUE
EXISTE ENTRE OS REPRESENTANTES
POLÍTICOS E LITERÁRIOS DE UMA
CLASSE E A CLASSE QUE REPRESENTAM.

NÃO SE DEVE IMAGINAR, TAMPOUCO QUE OS REPRESENTANTES
DEMOCRÁTICOS SEJAM NA REALIDADE TODOS LOJISTAS OU
DEFENSORES ENTUSIASTAS DESTES ÚLTIMOS. SEGUNDO SUA
FORMAÇÃO E POSIÇÃO INDIVIDUAL PODEM ESTAR TÃO LONGE
DELES COMO O CÉU DA TERRA. O QUE OS TORNA REPRESENTANTES
DA PEQUENA BURGUESIA É O FATO DE QUE SUA MENTALIDADE
NÃO ULTRAPASSA OS LIMITES QUE ESTA NÃO ULTRAPASSA
NA VIDA, DE QUE SÃO CONSEQUENTEMENTE IMPELIDOS,
TEORICAMENTE, PARA OS MESMOS PROBLEMAS E SOLUÇÕES
PARA OS QUAIS O INTERESSE MATERIAL E A POSIÇÃO
SOCIAL IMPELEM, NA PRÁTICA, A PEQUENA BURGUESIA.

ESTA É, EM GERAL, A RELAÇÃO QUE
EXISTE ENTRE OS REPRESENTANTES
POLÍTICOS E LITERÁRIOS DE UMA
CLASSE E A CLASSE QUE REPRESENTAM.

Uma pequena concessão à autonomia da atividade intelectual, não há dúvida. Mas não será porque, apesar do caráter geral da afirmação, a análise tem como base empírica a pequena burguesia ? De fato, onde MARX/Engels mais considera a atividade especificamente intelectual é em relação aos representantes dessa classe, MARX/Engels fica, contudo, duplamente à vontade: reúne a "intelligentzia" e a pequena burguesia e lança-os juntos no abismo do desaparecimento histórico. Não sem antes expô-los ao ridículo numa comédia grotesca montada pela requintada ironia da sua pena.

HA! HA! HA!	MARX/Engels - A pequena burgue-	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	sia, grande em arrogância, é	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	completamente incapaz de atuar	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	e muito covarde para arriscar	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	algo.	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	MARX/Engels - Numa sociedade a-	HA! HA! HA!
	vançada e por imperativo da sua	
	situação social, o pequeno bur-	
	guês faz-se socialista por um	
	lado, economista por outro, quer	
	dizer, é encandeado pela magni-	
	ficência da alta burguesia e	
	condoi-se com as desgraças do	
HA! HA! HA!	povo.	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	MARX/Engels - O caráter mesqui-	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	nho de suas transações comerci-	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	ais e de suas operações de cré-	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	dito é o que há de melhor para	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	imprimir um selo de falta de e-	HA! HA! HA!
	nergia e espírito empreendedor.	
	MARX/Engels - Um tal pequeno	
	burguês diviniza a contradição,	
	porque a contradição é o fundo	
	do seu ser.	
	MARX/Engels - A pequena burgue-	
	sia incitava a insurreição, com	
HA! HA! HA!	palavras rimbombantes e grande	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	arrogância do que iria fazer;	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	ansiava assenhorear-se do poder	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	tão logo como a insurreição, em	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	muito contra a sua vontade, es-	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	talara.	

HA! HA! HA!	MARX/Engels - Ele é apenas a con	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	tradição social posta em movimen	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	to.	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	MARX/Engels - Os estudantes, es-	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	tes "representantes do intelecto"	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	como lhes agradava denominar-se,	HA! HA! HA!
	foram os primeiros a abandonar	
	suas bandeiras, a menos que se	
	lograsse segurá-los ascendendo-os	
	a oficiais, para o que, diga-se,	
	só muito raras vezes tinham os	
	dons necessários.	
HA! HA! HA!	MARX/Engels - As ameaças revolu-	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	cionárias da pequena burguesia e	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	de seus representantes democrati	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	cos não passam de tentativas de	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	intimidar o adversário.	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	MARX/Engels - O pequeno burguês/	HA! HA! HA!
	é um composto de alternativas.	
	MARX/Engels - É a contradição	
	feita homem./Charlatanismo cien	
	tífico e oportunismo político	
	são inseparáveis de tal ponto de	
	vista.	
	MARX/Engels - A estrepitosa aber-	
HA! HA! HA!	tura que anunciou a contenda per-	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	de-se em um murmúrio pusilânime	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	assim que a luta tem que começar;	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	os atores deixam de se levar a	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	sério, e a peça murcha lamentavel	HA! HA! HA!
HA! HA! HA!	mente, como um balão furado.	HA! HA! HA!

MARX/Engels leva seu traço divisório até às elaborações teóricas mais sistematizadas. Mais uma vez as linhas de discriminação se revelam tênues, permitindo que as diversas concepções socialistas se interpenetrem suavemente.

QUEREM AS CONDIÇÕES DE VIDA DA SOCIEDADE MODERNA SEM AS LUTAS E OS PERIGOS QUE DELA NECESSARIAMENTE DECORREM. QUEREM A SOCIEDADE EXISTENTE ESPURGADA DOS ELEMENTOS QUE A REVOLUCIONAM E DISSOLVEM. QUEREM A BURGUESIA SEM O PROLETARIADO. A BURGUESIA, NATURALMENTE, CONCEBE O MUNDO EM QUE DOMINA COMO O MELHOR DOS MUNDOS./QUANDO EXORTA O PROLETARIADO A REALIZAR OS SEUS SISTEMAS E A ACEITAR A NOVA JERUSALÉM, NO FUNDO SÓ LHE PEDE QUE SE DEIXE FICAR COMO ESTÁ NA SOCIEDADE ATUAL, MAS QUE SE DESFAÇA DAS CONCEPÇÕES HOSTIS QUE TEM DELA.

- () Socialismo Reacionário
 - Socialismo pequeno-burguês
- () Socialismo Conservador, ou Burguês
- () Socialismo e Comunismo Crítico-utópico

NO SEU SIGNIFICADO PRÁTICO/ESTE SOCIALISMO QUER OU RESTABE-
LECER AS ANTIGAS CONDIÇÕES DE PROPRIEDADE E A VELHA SOCIEDAD
DE, OU QUER ENCARCERAR DE NOVO À FORÇA OS MEIOS MODERNOS DE
PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO NO QUADRO DAS ANTIGAS CONDIÇÕES DE
PROPRIEDADE - QUE FORAM, QUE TIVERAM DE SER QUEBRADOS POR
ELES. EM AMBOS OS CASOS É, A UM SÔ TEMPO, REACIONÁRIO E UTÓP
PICO.

- () Socialismo Reacionário
 - Socialismo pequeno-
burguês
- () Socialismo Conservador,
ou Burguês
- () Socialismo e Comunismo
Crítico-utópico

A FORMA AINDA RUDIMENTAR DA LUTA DE CLASSES E A SUA PRÓPRIA POSIÇÃO SOCIAL CONJUGAM-SE PARA OS FAZER CRER QUE ESTÃO MUITO ACIMA DAQUELE ANTAGONISMO DE CLASSES. QUEREM MELHORAR A POSIÇÃO SOCIAL DE TODOS OS SETORES QUE CONSTITUEM A SOCIEDADE, MESMO DOS PRIVILEGIADOS. POR ISSO ESTÃO CONSTANTEMENTE A APELAR SEM DISTINÇÕES PARA A SOCIEDADE NO SEU CONJUNTO, E DE PREFERÊNCIA PARA A CLASSE DOMINANTE. BASTA QUE SE COMPREENDA O SEU SISTEMA PARA RECONHECER NELE O MELHOR PROJETO POSSÍVEL PARA A MELHOR SOCIEDADE POSSÍVEL.

DAI QUE REPUDIEM TODA AÇÃO POLÍTICA, NOMEADAMENTE TODA A AÇÃO REVOLUCIONÁRIA, E PRETENDAM ATINGIR O SEU OBJETIVO POR UM PROCESSO PACÍFICO E PROCUREM, COM PEQUENAS EXPERIÊNCIAS NATURALMENTE CONDENADAS AO FRACASSO, ABRIR PELA FORÇA DO EXEMPLO O CAMINHO AO NOVO EVANGELHO SOCIAL.

() Socialismo Reacionário

- Socialismo pequeno-
burguês

() Socialismo Conservador,
ou Burguês

() Socialismo e Comunismo
Crítico-utópico

As citações de MARX/Engels são das seguintes obras:

- O Capital
- A Ideologia alemã
- Capítulo VI inédito de O Capital
- As lutas de classes em França
- O dezoito Brumário
- Revolução e contra-revolução na Alemanha
- Miséria da Filosofia
- Manifesto do Partido Comunista
- Contribuição à crítica da economia política
- Sobre a autoridade
- Carta a P. V. Amenkov
- Carta a J. B. Schweitzer

LÊNIN: A REDENÇÃO

TRATA-SE DE UM MOMENTO HISTÓRICO NO QUAL SE TORNA NECESSÁRIO PARTIR DA CONSTATAÇÃO DO ÓBVIO.

Os próprios fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, eram, pela sua situação social, intelectuais burgueses.

A META É REALIZAR HISTORICAMENTE A DIALÉTICA TEORICA-PRÁTICA!

CONTRA O DETERMINISMO ECONOMICISTA E O ESPONTANEISMO !

ACERCA DO FATO DE SER A CLASSE DOMINANTE DETENTORA DO CONHECIMENTO.

A história de todos os países mostra que a classe operária apenas com as suas próprias forças, só está em condições de elaborar uma consciência trade-unionista, quer dizer a convicção de que precisa de se agrupar em sindicatos, lutar contra o patronato, exigir do governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc.

A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, de fora da esfera das relações entre operários e patrões.

"Para isso, é necessário que os intelectuais nos repitam um pouco menos o que nós próprios sabemos, e que nos dêem um pouco mais daquilo que ainda ignoramos, daquilo que a nossa experiência"econômica, na fábrica, nunca nos ensinará: os conhecimentos políticos. Estes conhecimentos só vós, os intelectuais, podeis adquirí-los e é dever vosso fornecer-no-los em quantidade cem ou mil vezes maior do que até agora o tendes feito".

AO CONTRÁRIO DE MARX/Engels, REALÇAR AS LIMITAÇÕES DA CLASSE OPERÁRIA DOMINADA!

DA CISÃO AO NÍVEL DA CONSCIÊNCIA DECORRE A NECESSIDADE DA ORGANIZAÇÃO E A SUA NATUREZA.

A luta política da social-democracia é muito mais ampla e mais complexa do que a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como consequência disto), a organização de um partido social-democrata deve ser, inevitavelmente, de um gênero diferente do da organização dos operários para a luta econômica.

O nosso erro principal consiste em rebaixar as nossas tarefas políticas e de organização ao nível dos interesses imediatos, "tangíveis", "concretos" da luta econômica cotidiana.

Pelo contrário, a organização dos revolucionários deve englobar antes de tudo e sobretudo, pessoas cuja profissão seja a atividade revolucionária/Necessariamente, esta organização não deve ser muito extensa, e é preciso que seja o mais clandestina possível.

A CLASSE OPERÁRIA NÃO PODE PRESCINDIR DA TEORIA E ESTA NÃO SE ENCONTRA EM SUAS MÃOS!

MARX/Engels TAMBÉM APONTARA ESSA DISTINÇÃO - MAS SOMENTE EM RELAÇÃO À CLASSE DOMINANTE - ENTRE A CLASSE E A SUA CONSCIÊNCIA MAIS ELABORADA!

NÃO DISCORDAR DE MARX/Engels QUANTO AO FUNDAMENTAL: A SUPERAÇÃO COMPLETA DO PROBLEMA SÓ É POSSÍVEL NA SOCIEDADE COMUNISTA.

Não teremos estes especialistas durante muito tempo, até que os especialistas burgueses, os especialistas pequeno burgueses, tenham desaparecido, até que todos os especialistas se tenham tornado comunistas.

UMA TEORIA PARA A REVOLUÇÃO !

UMA ESTRATÉGIA PARA O PERÍODO DE TRANSIÇÃO !

A NECESSIDADE DE PROSSEGUIR A ELABORAÇÃO DA TEORIA SOBRE OS
TÉCNICOS E INTELECTUAIS.

Tanto quanto me lembro, os primeiros mestres do socialismo, que previram muito daquilo que teria lugar na futura revolução socialista e compreenderam muitas de suas características, nunca expressaram uma opinião sobre esta questão.

CONSIDERAR AS LIMITAÇÕES HISTÓRICAS DE MARX E
ENGELS !

ACERCA DO PARTIDO COMO O ESPAÇO DA CONSCIÊNCIA (DA TEORIA, DO CONHECIMENTO), MAS NÃO DE UMA CONSCIÊNCIA QUALQUER: COMO O ESPAÇO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE DO PROLETARIADO.

Mas a conclusão a tirar é que o que nos faz falta é um comitê de revolucionários profissionais, sem interessar saber se são estudantes ou operários/eles não participam na qualidade de operários, mas como teóricos do socialismo/só participam na medida em que consigam dominar, em maior ou menor grau, a ciência da sua época e fazê-la progredir/os que foram capazes de fazer a sua educação como revolucionários profissionais.

Perante esta característica geral dos membros de tal organização deve desaparecer por completo toda a distinção entre operários e intelectuais, para não falar da distinção entre as diferentes profissões de uns e outros.

O PERTENCIMENTO À ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA POSSUI UM CARÁTER SACRAMENTAL !

BATIZADOS EM NOME DA REVOLUÇÃO ANUNCIADORA DA SOCIEDADE FUTURA !

AS PORTAS DA SOCIEDADE BURGUESA NÃO PREVALECERÃO CONTRA ELA !

O ELOGIO DA FUNÇÃO DIRIGENTE UMA VEZ GARANTIDO O CARÁTER DE CLASSE DO PARTIDO.

/Sem "uma dezena" de chefes políticos de talento (os talentos não surgem às centenas), provados, profissionalmente preparados e instruídos por uma longa prática e bem unidos entre si, não é possível, na sociedade contemporânea, a luta firme de qualquer classe.

Mas os alemães acolhem com um sorriso de desprezo estas tentativas demagógicas de opôr a multidão aos chefes, de despertar nela instintos de vaidade e de privar o movimento de solidez e estabilidade, minando a confiança que as massas sentem pela "dezena de homens inteligentes".

Ninguém negará, espero, que a sua organização engloba a multidão, que entre eles tudo vem da multidão, que o movimento operário aprendeu a andar sozinho. Contudo, como esta multidão de milhões de homens sabe apreciar a sua "dezena" de chefes políticos experimentados ! Como adere a eles !

E, neste período em que toda a crise da social-democracia russa se explica pelo fato das massas, que despertam espontaneamente, não terem chefes suficientemente preparados, inteligentes e argutos, os nossos sabichões dizem-nos com a ingenuidade digna de um pateta: "É mau que um movimento não venha de baixo!"

O PARTIDO É A VANGUARDA DA CLASSE !

A VANGUARDA AINDA PERTENCE À CLASSE !

UM DIA, TODOS PODERÃO VIR A SE IGUALAR NUMA MESMA CONDIÇÃO.

Custe o que custar é preciso destruir o velho preconceito absurdo, selvagem, infame e odioso, de que só as chamadas "classes superiores", só os ricos ou os que passaram pela escola das classes ricas, podem administrar o Estado, dirigir a construção organizativa da sociedade socialista.

Eles pensam que o "povinho", os "simples" operários e camponeses pobres serão incapazes de cumprir a grande tarefa de caráter organizativo, verdadeiramente heróica no sentido histórico-mundial da palavra, que a revolução socialista pôs sobre os ombros dos trabalhadores. "Não conseguireis passar sem nós" - consolam-se os intelectuais habituados a servir os capitalistas e o Estado capitalista. Os seus insolentes cálculos não se confirmarão: há pessoas instruídas que começam agora a separar-se, passando para o lado do povo, para o lado dos trabalhadores, ajudando a quebrar a resistência dos lacaios do capital. E há muitos organizadores de talento no campesinato e na classe operária, e estes talentos apenas começam a ter consciência de si, a despertar, a aspirar ao grande trabalho vivo e criador, a compreender independentemente a construção da sociedade socialista.

Os operários não esquecerão nem por um minuto sequer que necessitam da força do saber./Mas o trabalho de organização está também ao alcance do operário e do camponês comum, que sabe ler e escrever, que conhece os homens e tem experiência prática.

A VANGUARDA NÃO É AUTÔNOMA NESTA CONDIÇÃO MAS SOFRE DETERMINAÇÕES DO CONJUNTO DA CLASSE !

SÓ COM A VANGUARDA É IMPOSSÍVEL VENCER.

Lançar apenas a vanguarda para a batalha decisiva, quando toda a classe, quando as amplas massas não adotaram a ainda uma posição de apoio direto à vanguarda ou, pelo menos, de neutralidade benevolente relativamente a ela e de incapacidade completa de apoiar o adversário, seria não só uma estupidez, mas também um crime. E para que realmente toda a classe, para que realmente as amplas massas dos trabalhadores e dos oprimidos pelo capital cheguem a tal posição, a propaganda e a agitação por si sós não bastam.

PARA ISSO É NECESSÁRIA A PRÓPRIA EXPERIÊNCIA POLÍTICA DESTAS MASSAS !

SOBRE A CORRESPONDÊNCIA QUE PARECE EXISTIR ENTRE A ATIVIDADE INTELECTUAL E A POSIÇÃO DE CLASSE PEQUENO BURGUESA.

Todo marxista conhece há muito a verdade de que só o proletariado e a burguesia podem ser forças decisivas em qualquer sociedade capitalista, enquanto todos os elementos sociais situados entre estas classes pertencentes à categoria econômica da pequena burguesia vacilam inevitavelmente entre estas forças decisivas.

Se Pitirim Soróchine renunciou ao título de membro da Assembléia Constituinte, isso não é uma casualidade, é um indício da viragem de uma classe inteira, de toda a democracia pequeno burguesa. É inevitável a divisão no seio dela: uma parte passará para o nosso lado, uma parte permanecerá neutra, e uma parte ligar-se-á conscientemente aos monárquicos-democratas-constitucionalistas, que vendem a Rússia ao capital anglo-americano e que se esforçam por estrangular a revolução por meio de baionetas estrangeiras.

Nós não temos medo dos intelectuais burgueses e não enfraqueceremos nem por um minuto a luta contra os saboteadores raivosos, e, entre eles, os guardas brancos. Mas a palavra de ordem do momento é saber aproveitar a viragem deles para o nosso lado. No nosso país, ainda ficaram muitos dos piores representantes da intelectualidade burguesa que "aderiram" ao poder soviético: devemos deitá-los pela borda fora, substituí-los pela intelectualidade que ainda ontem nos era conscientemente hostil e que hoje é apenas neutra.

Os intelectuais burgueses não podem ser expulsos e destruídos, mas devem ser conquistados, remoldados, assimilados e reeducados.

RETOMAR O FUNDAMENTAL DAS ANÁLISES DE MARX/Engels
SOBRE A PEQUENA BURGUESIA !

ACENTUAR O CARÁTER AMBIGUO DA PEQUENA BURGUESIA PARA DAR RELEVO À POSSIBILIDADE DE ASSIMILAÇÃO !

ASSUMIR AS ANÁLISES DE MARX/Engels ACERCA DA DISTINÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES TÉCNICA E IDEOLÓGICA DA DIVISÃO DO TRABALHO, DA CULTURA E DA TECNOLOGIA.

A cultura proletária deve ser o desenvolvimento lógico da quantidade de conhecimentos que a humanidade acumulou sob o jugo do capitalismo, da sociedade dos latifundiários e burocráticos./Não é acionada por ar; não é uma invenção daqueles que a si mesmos se chamam peritos em cultura proletária. Isso é disparate.

Temos de agarrar toda a cultura que o capitalismo deixou e construir o socialismo com ela. Temos de agarrar toda a sua ciência, tecnologia, conhecimento e arte. Sem estas coisas, não seremos capazes de construir a sociedade comunista. Mas esta ciência, tecnologia e arte estão nas mãos e nas cabeças dos peritos.

Só poderemos construir o comunismo quando, mediante os meios da ciência e da técnica burguesa, o tornarmos mais acessíveis às massas. Não há outro modo de construir a sociedade comunista e para a construir deste modo é preciso tomar o aparelho da burguesia, é preciso atrair para o trabalho todos estes especialistas.

Necessitamos agora mesmo, sem esperar a ajuda dos outros países, imediatamente e agora mesmo de aumentar as forças produtivas. Não o podemos fazer sem especialistas burgueses. É preciso dizê-lo de uma vez para sempre.

LEMBRAR AOS ESQUERDISTAS OS LIMITES DA CLASSE OPERÁRIA, MESMO ESTANDO NO PODER !

NÃO IR MUITO ALÉM DE MARX/Engels NESTA QUESTÃO !

A REVOLUÇÃO NÃO PODE INTERROMPER A CONTINUIDADE HISTÓRICA.

O marxismo conquistou a sua significação histórica universal como ideologia do proletariado revolucionário porque não repudiou de modo algum as mais valiosas conquistas da época burguesa, mas, pelo contrário, assimilou e reelaborou tudo o que houve de valioso em mais de dois mil anos de desenvolvimento do pensamento e da cultura humanos.

Os burgueses venceram sem saber governar e asseguraram a sua vitória promulgando uma nova constituição, recrutando e seleccionando administradores no seio da sua própria classe e começaram a aprender, aproveitando os administradores da classe precedente, e começaram a ensinar os seus, os novos, a prepará-los para a administração, pondo para isso em movimento todo o aparelho de Estado, sequestrando as instituições feudais, admitindo nas escolas apenas os ricos, e deste modo prepararam, durante longos anos e décadas, os administradores recrutados na sua própria classe.

Nós devemos administrar com a ajuda de homens saídos da classe que derrubamos, de homens impregnados dos preconceitos da sua classe e que devemos reeducar.

POR UMA DIALÉTICA DO VELHO E DO NOVO !

QUEM TEM MÊDO DE FREDERICH W. TAYLOR ?

Aprender a trabalhar - esta é a tarefa que o poder soviético deve colocar em toda a sua envergadura perante o povo. A última palavra do capitalismo neste aspecto, o sistema de Taylor - tal como todos os progressos do capitalismo - reúne em si toda a refinada crueldade da exploração burguesa e uma série de riquíssimas conquistas científicas no campo da análise dos movimentos mecânicos no trabalho, a supressão dos movimentos supérfluos e inábeis, a elaboração dos métodos de trabalho mais corretos, a introdução dos melhores sistemas de registro e controle, etc. A república soviética deve adotar a todo custo as conquistas mais valiosas da ciência e da técnica neste domínio. A possibilidade de realizar o socialismo é determinada precisamente pelos nossos êxitos na combinação do poder soviético e da organização soviética da administração com os últimos progressos do capitalismo. Tem de se criar na Rússia o estudo e o ensino do sistema Taylor, a sua experimentação e adaptação sistemáticas.

PELA SEPARAÇÃO PRÁTICA DO JOIO E DO TRIGO !

COMO CRISTO, REABRIR AS PORTAS DO PARAISO AOS INTELECTUAIS MAS LEMBRAR-LHES QUE SÃO ESTREITOS OS CAMINHOS DO CÉU.

A maioria desses especialistas está impregnada até a medula da concepção de mundo burguesa.

Essa incúria, negligência, desleixo, falta de cuidado, pressa nervosa, tendência para substituir a ação pela discussão, o trabalho pelas conversas, tendências para empreender tudo e nadalevar até o fim constituem um dos traços das "pessoas instruídas"/.

Os intelectuais dão com frequência os mais admiráveis conselhos e diretivas, mas revelam-se de modo ridículo, absurdo e vergonhoso, "manetas", incapazes de aplicar esses conselhos e diretivas, de aplicar um controle prático para que a palavra se transforme em ação.

É preciso rodeá-los numa atmosfera de colaboração fraternal, de comissários operários, de células comunistas, colocá-los numa situação em que não possam escapar-se, mas é preciso dar-lhes a possibilidade de trabalhar em melhores condições que sob o capitalismo, pois esta camada, educada pela burguesia, não trabalhará de outro modo.

Permitindo a entrada de engenheiros, médicos, agrônomos e outros nos seus sindicatos, estão a ajudar estes elementos e experimentar a camaradagem da cooperação com o proletariado organizado, a iniciar um trabalho ativo de construção soviética e estão também a ministrar aos operários o conhecimento científico especial e a experiência que precisam.

À CLASSE OPERÁRIA, AO PODER SOVIÉTICO CABE CELEBRAR A LITURGIA DA PURIFICAÇÃO !

RECUPERAR A PARTE DOENTE ATRAVÉS DE UMA CIRURGIA PEDAGÓGICA CONDUZIDA PELO BISTURI DA DIALÉTICA !

A EXPERIÊNCIA LENINISTA DE ACORDO COM OS ESTUDIOSOS DA UNIÃO SOVIÉTICA, SESSENTA ANOS DEPOIS.

A primeira experiência com êxito na história da sociedade humana na reeducação dos intelectuais burgueses e no seu recrutamento para a edificação do socialismo.

O socialismo não só mudou as características morais e sociais dos intelectuais, mas também lhes destinou novas tarefas. A construção de uma nova sociedade supõe não apenas um desenvolvimento das forças produtivas mas também a educação de todo o povo soviético no espírito de uma perspectiva mundial comunista e científica. A batalha da formação de um novo homem é uma das partes mais importantes dentro da vasta gama de atividades dos intelectuais soviéticos.

ACRESCENTAR O ADJETIVO "NOVO" AO TERMO INTELECTUAL !

É O NOVO INTELECTUAL QUEM FORMA O NOVO HOMEM OU O NOVO HOMEM QUEM FORMA O NOVO INTELECTUAL ?

A EXPERIÊNCIA LENINISTA DO PONTO DE VISTA DA TAREFA DE RECOM-
POR O MOMENTO PRIMORDIAL DA CISÃO ENTRE A CONSCIÊNCIA E A VI
DA MATERIAL.

mais do que o ser consciente: e o ser dos de
vida real. A consciência nunca pode ser nun
ca pode ser mais do que o ser conscien ho
mens é o seu processo de vida real. A consci
ente; e o ser dos homens é o seu pro

CONSTATAR A PERMANÊNCIA DO MESMO MONOLITO NEGRO QUE
RELUZIA POR TRAZ DA FOGUEIRA PRIMITIVA !

PELA SOLUÇÃO DO ENIGMA !

As citações de Lênin são das seguintes obras:

- Que fazer ?
- Obras escolhidas em três tomos
- A revolução de outubro e os intelectuais, de S. Fedyukin, de quem são ainda as opiniões a apresentadas como dos "estudiosos da União Soviética".

OUTRAS PALAVRAS: O QUESTIONAMENTO

A questão dos intelectuais, deixada praticamente em aberto por MARX/Engels e radicalmente "solucionada" em Lênin, longe de desaparecer veio avolumando-se como uma bola de neve, incorporando mais e mais dimensões, até os nossos dias. Estas Outras Palavras são de seis marxistas modernos, pronunciadas na década de 70 e possuem em comum o posicionamento a respeito do tema já agora mais definitivamente convertido na questão do trabalho técnico e mais acentuadamente logado à problemática da determinação das classes, com destaque para a situação das classes médias. Representam uma amostragem e não uma compilação exaustiva de todas as posições mais recentes sobre o assunto. Uma palavra se contrapõe a outras. Algumas se reforçam mutuamente. Outras apenas levantam problemas. As obras de MARX/Engels e Lênin formam o cenário que as envolve e estimula.

PERSONAGENS

- HARRY BRAVERMAN - Trabalho e Capital Monopolista, 3a. ed., 1981, Zahar Editores, Rio de Janeiro (edição original de 1974)
- FRÉDÉRIC BON/MICHEL-ANTOINE BERNIER - Classe Operária e Revolução, 1975, Edições 70, Lisboa (edição original de 1971)
- FRANCO FERRAROTTI - Uma Sociologia Alternativa, 1976, Edições Afrontamento, Porto (edição original de 1972)
- ANDRÉ GORZ - Técnica, Técnicos e Luta de Classes, in Crítica da Divisão do Trabalho, 1980, Martins Fontes, São Paulo (edição original de 1971)
- ANDRÉ VILLALOBOS - A Nova Classe Média: Uma configuração do problema, 1976, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, mimeografado
- NICOS POULANTZAS - A Nova Pequena Burguesia, in Classes e Estrutura das Classes, 1982, Edições 70, Lisboa (edição original de 1977)

Obs.: - No texto, os números entre parênteses indicam as páginas na obra do respectivo autor.

BRAVERMAN (situando o ponto de partida na crítica à solução leninista) - Na prática, a industrialização soviética imitava o modelo capitalista; e à medida que a industrialização avançava, a estrutura perdia seu caráter provisório e a União Soviética acomodava-se a uma organização do trabalho diferente apenas em pormenores em relação aos países capitalistas. (22)

BON/BERNIER (complementando) A reorganização industrial, o controle dos sindicatos, o elogio do taylorismo tinham também sido obra de Lênin: estarão na origem da concepção estaliniana da planificação e do estalinovismo. (77) A finalidade da emulação transformou-se: já não se trata apenas de impulsionar a produção mas de constituir, através de uma hierarquia de salários sem equivalente nos países capitalistas, uma elite integrada com favores exorbitantes à margem da massa dos trabalhadores reduzida à miséria. (77/78)

Ferraroti acrescenta um depoimento pessoal.

FERRAROTTI - Devendo eu apresentar um relatório em Moscou diante dos maiores sindicalistas e representantes operários da indústria, o meu acompanhador-intérprete e tradutor Taras Kurgan aproximou-se de mim discretamente na tarde anterior e perguntou-me se devia traduzir também a parte em que movo críticas muito duras ao taylorismo, isto é, à organização científica do trabalho. "Naturalmente", respondo. O embaraço de Kurgan torna-se ainda mais evidente: "Mas nós não fazemos outra coisa senão pregar aos nossos operários os princípios da organização científica do trabalho". (60)

BON/BERNIER - Em meio século, o partido nunca conseguiu re
tabelecer com a classe operária soviética o laço
que o uniu ao proletariado de Outubro. (75)

FERRAROTTI (conclusivo) - Por vários sinais, a sociologia na
União Soviética parece enveredar pelo caminho tri-
lhado, há trinta anos, pela sociologia norte-ameri-
cana. (60)

As considerações sobre o leninismo se estendem até as suas con
seqüências para o movimento revolucionário mundial.

BRAVERMANN - No processo, o efeito ideológico se fez sentir
por todo o mundo marxista: a tecnologia do capita-
lismo, que Marx havia tratado com cautelosa reserva,
a organização e administração do trabalho, que ele
havia tratado com tão ardorosa hostilidade, torna-
ram-se relativamente aceitáveis. A partir de então,
a revolução contra o capitalismo era concebida cada
vez mais como uma questão de eliminar certas "excre-
cências" do mecanismo capitalista altamente produti
vo, melhorando as condições de trabalho e acrescen-
tando à organização fabril uma estrutura formal de
"controle do trabalhador", e substituindo os meca-
nismos capitalistas de acumulação e distribuição pe-
lo planejamento socialista. (22)

Tomando a palavra, Ferraroti, num longo discurso, vai muito
mais longe, apontando mudanças fundamentais nas aspirações o-
perárias e identificando a emergência de um "novo operário".

FERRAROTTI - em vez de passar o domingo na seção do partido
ou ir ao comício na praça, os novos operários parti-
am em lambreta... Mas o operário novo não era, e
não é um oportunista, como na época se pensou. Sim-
plesmente, a sua solidariedade de classe é violenta
e dessacralizadora, como a socialista e comunista

tradicional se tornou beata e litúrgica; não escuta razões; nada o satisfaz e "quer tudo", depressa, aqui e agora. (84) Não é correto chamar-lhe operário-massa. É uma invenção literária. A sua subjetividade, longe de ter-se tornado irrelevante, é fundamental; o seu ponto de vista subjetivo deve ser recuperado em cheio e expresso sistematicamente, resistindo às sugestões irracionalistas, pela sociologia crítica, se esta quer merecer o seu nome. De resto, a luta do operário novo pelo tratamento igualitário de todos os operários é já, de per si, a projeção de uma individualidade social que não se resigna a morrer. É necessário dar de novo a palavra aos operários. (84)

Prossegue, denunciando os limites das próprias aspirações esternadas por MARX/Engels e atribuindo determinações à evolução tecnológica.

FERRAROTTI - É certamente um dos limites mais graves do marxismo. O discurso sobre o homem novo encontra, aqui, dificuldades que nenhum automatismo, mais ou menos fideístico, está à altura de fazer esquecer. O ponto mais alto a que Marx parece chegar é dado pelas concepções do homem omni-dimensional, segundo um ideal substancialmente rousseauiano de "diletante grandioso", e do homem politécnico. Em ambas as concepções, Marx não se subtrai à necessidade, típica do atomismo burguês, de contrapor mecanicamente indivíduo enquanto singular, e sociedade. (79) Marx julgava que a condição essencial para a revolução, isto é, para o derrube da sociedade capitalista, era a socialização dos meios de

produção. É necessário acrescentar, contextualmente, a socialização do poder. De outro modo, em lugar do socialismo e do comunismo, arriscamo-nos a ir de encontro ao coletivismo burocrático, ou ao capitalismo de Estado. (67) É já conhecido que, em toda a sociedade que tenha decidido industrializar-se, o avanço técnico-funcional, em si inatacável, tende a transformar-se em distância psicológica e social, a fazer prevalecer o princípio dinástico da cooptação, e a dar vida, dessa maneira, a novos grupos sociais privilegiados, a "novas classes". Marx tinha colocado como base da classe e o seu princípio estratificante, o direito de propriedade privada. Nós sabemos hoje que esta base é frágil. Ela cindiu-se efetivamente. A propriedade deve juntar-se a função. Isto é: temos hoje novos poderosos que são juridicamente falando, não-proprietários. Ao poder derivado da propriedade é necessário acrescentar o poder ligado ao controle quotidiano do funcionamento dos centros de produção. (67)

O novo operário contra Lenin. Primeiro "round".

FERRAROTTI - Efetivamente, a nova composição do proletariado, que se articula e articulará sempre mais em direção a um aumento da sua componente intelectual, põe, em termos diversos dos tradicionais da ortodoxia leninista formal, o problema da organização do proletariado e reabre a necessidade de um novo discurso sobre as formas de luta do proletariado e sobre uma série de indicações particularmente importantes, quer sobre o papel do partido da classe operária, quer sobre o problema das relações entre sociedade civil e sociedade política. (123)

O novo operário contra Lenin. Segundo "round".

FERRAROTTI - Na medida em que efetivamente, as modificações no seio da vida produtiva levam não só a uma rearticulação da situação proletária mas também a uma imediatez da contradição entre proletariado novo e modo de produção, o problema da consciência não pode deixar de pôr-se em termos diversos dos hipotizados no Que fazer ? Leniniano tal como não pode deixar de pôr-se em termos novos o próprio problema da tomada do poder. (123)

O novo operário contra Lenin. Terceiro "round".

FERRAROTTI - O contínuo aumento da força de trabalho intelectual põe em termos radicalmente diversos o problema da consciência de classe que deve deixar de vir abstratamente do exterior mas pode crescer no seio mesmo do proletariado no processo de construção da sua hegemonia. (124)

BON/BERNIER (com astúcia, ao invés de criticar o leninismo buscam emparedã-lo com as contingências do momento histórico). A dezoito anos de distância, o Esquerdismo - riqueza da ação das massas - responde a Que fazer ? - preeminência da ação do partido. Seria vão opôr as obras ou interpretá-las como luta em duas frentes - tio, cautela com a esquerda, tio, cautela com a direita: ambas têm o mesmo pensamento. Que fazer ? investe o partido com a missão histórica do proletariado. O Esquerdismo lembra que semelhante investidura é limitada. (67) O Esquerdismo e Que fazer ? desembocam na mesma evidência: só através do cumprimento da sua função política recuperará a vanguarda o seu conteúdo social - identificar-se com a ação histórica da classe trabalhadora. O gênio de Lénin não consistiu em ter enunciado a trivialidade - o papel de um partido revolucionário é fazer a revolução - mas em tê-la tomado a sério. (68)

No lugar de um "novo proletariado" preferem identificar uma "velha classe operária" da qual o trabalho morto sugou e exauriu também as potencialidades revolucionárias.

BON/BERNIER - A classe trabalhadora, que fornece sempre o essencial do trabalho industrial, deixou de ser o produto mais avançado da evolução social: encontra-se por sua vez descentrada pela revolução científica e técnica. A especialização das funções intelectuais da produção - e a sua concentração numa camada de técnicos - aumenta ainda a sua desqualificação e reduz outro tanto a sua influência sobre o processo produtivo. (135) Apesar das lutas reivindicativas por vezes violentas, o proletariado renunciou há muito a pensar-se como sujeito revolucionário. Classe subalterna e numerosa, organizada, rica de tradições, negocia o seu poder no acordo das forças sociais. (136)

Prosseguem pintando um painel melancólico da situação atual da classe operária.

BON/BERNIER - O operário perdeu a sua profissão e esta perda torna-o impotente para dominar o processo industrial e o conjunto dos processos sociais e históricos. Assim desaparece o principal fundamento do projeto revolucionário proletário do final do século XIX. (52) A dinâmica da integração leva a melhor sobre as pulsões de rotura, quando elas não se realizam. Uma classe chegada ao pleno desenvolvimento cumpre totalmente o seu papel econômico no interior do sistema: participa da sociedade e perde toda a oportunidade de atingir de novo uma situação de exterioridade. Para as classes operárias ocidentais, sejam quais forem os pontos de partida e a forma de organização - social-democrata ou comunista - a evolução e o remate

permanecem irreversíveis. (112) A idéia do socialismo esfuma-se no simbolismo ou desaparece gradualmente do horizonte político. Em toda a Europa, a parcelarização do trabalho precipita a evolução reformista. Os raros partidos comunistas que se implantam e sobrevivem - francês e italiano - não fogem à regra; atualmente manifestam-se mais moderados que os partidos social-democratas dos anos de 1920. A estrutura particular da classe trabalhadora na segunda metade do século XIX desapareceu. A excepcional conjunção política e social que alimentava o projeto revolucionário do marxismo ocidental não mais se reproduzirá. (53)

Contrariam Ferrarotti diretamente, ao negarem o crescimento da capacidade intelectual do proletariado.

BON/BERNIER - A exploração e a sujeição do proletariado não pre dispõe a engendrar uma camada intelectual. Embora a sua revolta se alimente da mais profunda frustração que a da burguesia do século XVIII, não encontra em si a teoria da emancipação, visão global e "universal" do mundo, nem os grupos capazes de impelir para tal consciência. (117)

Retornam ao astucioso elogio das teses leninistas a fim de melhor destacarem a decadência histórica da função revolucionária do proletariado.

BON/BERNIER - Quando muito, a classe operária origina espontaneamente uma burocracia trade-unionista ou confere a gestão dos seus interesses à fração radical dos intelectuais burgueses. A sua exclusão do saber social não a prepara também para a direção de uma sociedade moderna: as pessoas de bom senso - diz Lenin - sabe

que a sugestão segundo a qual cada trabalhador pode administrar o Estado constitui um "conto de fadas".
 Onde a análise do Que fazer?: o partido forjará quase artificialmente uma camada orgânica no exterior da sociedade e da classe. (118)

Não vacilam em atribuir à totalidade da doutrina marxista a responsabilidade por este processo.

BON/BERNIER - Ao fazer sair o movimento operário da utopia e do separatismo passadista, ao orientá-lo para o futuro industrial, ao confirmar a preponderância do político - quer dizer, do discurso - e a necessidade de uma visão global da sociedade a combater, o marxismo convocou e justificou com antecedência a preeminência dos intelectuais nos partidos operários: constituiu - de modo paradoxal e involuntário - a ideologia através da qual se efetuou a confiscação das lutas proletárias por uma fração da burguesia. (48)

Concluem o seu longo discurso narrando o constrangedor casamento da classe operária integrada com o intelectual rebelde.

BON/BERNIER - A fim de obter vantagens parciais e prosseguir na luta, o movimento operário vê-se pouco a pouco constrangido a associar à direção das suas organizações homens capazes de impelir o debate ideológico e político para o seio das instituições dirigentes. A franja radical de intelectuais burgueses aceita cumprir semelhante papel e reencontra com o socialismo uma clientela de que o conservantismo da burguesia e das camadas médias progressivamente o privavam. Estes intelectuais não se distinguem socialmente dos intelectuais dominantes: médicos, advogados, professores, exercem idênticas profissões e falam a mesma língua. A

longa familiaridade com assembléias deliberativas gera uma total cumplicidade: a clivagem é inteiramente ideológica; o ajuste de contas não ultrapassa o estágio da discussão parlamentar. A integração política da classe operária pela sociedade burguesa torna-se portanto mais fácil. (46/47)

Enquanto isso, Braverman procura resgatar a bipolaridade fundamental da estrutura de classes, mesmo no capitalismo moderno.

BRAVERMAN - não posso aceitar a concepção arbitrária de uma "nova classe trabalhadora" que foi revelada por alguns escritores na década passada. (33)

Parece dirigir-se a Ferrarotti, muito embora a sua concepção de um "novo proletariado" não coincida perfeitamente com a que é objeto da recusa de Braverman. Ferrarotti fala num "novo operário" mas ainda e claramente "operário" enquanto que a "nova classe trabalhadora" a que se refere Braverman seria aquela formada com a incorporação dos técnicos.

BRAVERMAN (já agora comprando briga com Poulantzas e Gorz) - Teremos que fazer certas reservas, porém, se tivermos que chamar a isto de "nova classe média", como muitos o fizeram. (344)

POULANTZAS (aceitando o desafio) - existe uma posição específica de classe dos trabalhadores assalariados não produtivos que designei de "nova pequena burguesia"; há transformações na reprodução do capitalismo que tem que ver com a extensão dos limites da classe operária, mas essas transformações não alteram, contudo, a situação de classe específica da nova pequena burguesia. (134)

BRAVERMAN (insistindo) - Em tais ocupações, a forma proletária começa a afirmar-se e a imprimir-se na consciência desses empregados. Sentindo as inseguranças de seu papel como vendedores da força de trabalho e as frustrações de uma oficina controlada e mecanicamente organizada, começam, a despeito dos privilégios que restam, a conhecer aqueles sintomas de dissociação popularmente chamados de "alienação" com que tem vivido a classe trabalhadora por tanto tempo que se tornaram parte de sua segunda natureza. (345)

GORZ (intervindo) É preciso cuidado, no entanto, para não interpretar logo sua revolta como sinal de uma tomada de consciência proletária. (240)

POULANTZAS (voltando à carga) - Tentei mostrar a razão por que a nova pequena burguesia, mesmo o seu estrato mais baixo, está colocada do lado do trabalho intelectual, na complexa divisão político-ideológica que distingue esse trabalho intelectual do trabalho manual efetuado pela classe operária. (140)

BRAVERMAN (juntando novos argumentos) - Embora o trabalho produtivo e o improdutivo sejam tecnicamente distintos, embora o trabalho produtivo tenha tendido a decrescer na razão do aumento de sua produtividade, enquanto o improdutivo tenha aumentado apenas como consequência do aumento dos excedentes jorrados pelo trabalho produtivo - a despeito dessas distinções, as duas massas de trabalho não estão absolutamente em flagrante contraste e não precisam ser contrapostas uma à outra. Elas constituem uma massa contínua de emprego que, atualmente, e diferentemente da situação nos dias de Marx, têm tudo em comum. (357)

GORZ (rebatendo incontinenti) - Mas por mais legítimo que possa parecer considerar os trabalhadores científicos e técnicos da indústria como uma categoria dos trabalhadores produtivos, explorados e alienados, ainda é difícil considerá-los sem mais, como parte integrante da classe operária. (225)

BRAVERMAN (sem se dar por achado e ainda fazendo frase) - o aforismo de Marx deve ser modificado, e agora se deve dizer que ser um trabalhador assalariado é uma desventura. (354)

POULANTZAS - Os trabalhadores assalariados não produtivos pertencem a uma classe específica. Mesmo que reconheçamos que, como consequência das transformações do capitalismo contemporâneo, estão objetivamente polarizados para a classe operária. (132)

GORZ (aproveitando a deixa, fecha o cerco) - É por isso que todos os que, acobertados pela competência técnica, são chamados a supervisionar o desenvolvimento da produção, trabalham de fato para a perpetuação da divisão hierárquica do trabalho e das relações de produção capitalistas. (236) São eles aí os únicos detentores da qualificação técnica e intelectual que o processo de trabalho exige. Monopolizam essa qualificação e, assim, proíbem-na aos operários. São portanto os agentes da desqualificação e da opressão do trabalho manual reduzido a ser apenas manual. Representam aos olhos do operário o conjunto de conhecimentos e de saber técnicos dos quais ele está privado, a separação entre trabalho intelectual e manual, entre concepção e execução. Gozam de importantes privilégios financeiros, sociais e culturais. São o inimigo mais próximo do operário. (236)

BRAVERMAN (voltando a insistir) - assim como para a administração empresarial os problemas da organização do processo de trabalho na produção e fora da produção tornam-se cada vez mais semelhantes, do mesmo modo para os trabalhadores a distinção entre as várias determinadas formas de trabalho - perfuração ou datilografia, aparafusador ou montador, almoxarife ou arquivista, mecânico ou contador - torna-se cada vez menos significativa. (354)

POULANTZAS (procurando fundamentar) - A nova pequena burguesia interioriza a divisão social do trabalho imposta pela burguesia em toda a sociedade. Cada nível da nova pequena burguesia exerce uma autoridade específica e um domínio ideológico sobre a classe operária, que assume características particulares no interior da divisão industrial do trabalho, visto que os trabalhadores não exercem qualquer tipo de autoridade ou domínio ideológico sobre outros trabalhadores, por exemplo, sobre trabalhadores não especializados, que tenham, mesmo remotamente as mesmas características das exercidas pelos diferentes níveis da nova pequena burguesia sobre a classe operária. (140)

GORZ (complementando) - Em outras palavras, se trabalhadores técnico-científicos e operários estão situados do mesmo modo perante o capital, não estão situados do mesmo modo uns em relação aos outros: enquanto o trabalho técnico-científico e o trabalho operário são levados paralela mas separadamente, o fato é que os trabalhadores técnico-científicos produzem meio de exploração e de opressão dos operários e devem aparecer a estes

como agentes do capital; porém os operários não produzem meios de exploração dos trabalhadores técnico-científicos. A relação entre uns e outros, onde ela é direta, não é uma relação de reciprocidade: é uma relação hierárquica. (225)

Amenizando a polêmica, André Villalobos entra na discussão com muita cautela. Na verdade nem chega a entrar realmente. Suas palavras, se são as únicas de um brasileiro, não chegam a ser, contudo, em língua nacional devido ao seu caráter teórico não situado historicamente. Provoca um arrefecimento do debate ao procurar identificar nos textos de MARX/Engels, especialmente no Manifesto, aberturas que permitem o prosseguimento de pesquisas sobre a determinação da estrutura de classes no capitalismo moderno.

VILLALOBOS - a noção de "proletariado" presente no Manifesto converte-se num instrumento de ocultação de uma série de problemas relativos à estrutura de classes, entre os quais, a nosso ver, aqueles que dariam ensejo a muito do que hoje se discute sob o tema das novas classes médias.

Continuando a pôr água fria na fervura, busca elaborar novas categorias de análise e, muito timidamente e, talvez por isso mesmo, com pouca clareza, vai tomando posição sobre a questão da determinação das classes, primeiro do proletariado, depois das classes médias. (63)

VILLALOBOS - Seja como fôr, conquanto limitadas, as considerações desenvolvidas ao longo das páginas anteriores parecem ser suficientes para indicar que a subposição operatória em que está situada a classe operária constitui um aspecto fundamental da

definição do lugar que ela ocupa no processo social de produção. Trata-se na verdade, de um traço complementar, mas distintivo, que a caracteriza efetivamente como uma das classes polares, aquela que é objeto de todas as relações subordinantes. (41) Essa própria distinção parece situar o espaço social operatoriamente sobreposto como um lugar de classe média. E de uma nova classe média, tanto no sentido de que tal classe não representa a reprodução de relações pré-capitalistas e/ou pré-industriais, como no sentido de que, vista a natureza de sua inserção no sistema de relações de produção, parece endereçada a um destino histórico essencialmente diferente do experimentado pelas antigas classes médias. (41)

Sernados os ânimos, Ferrarotti aproveita para intervir no debate com uma complexa elaboração de conceitos próprios.

FERRAROTTI - Burguesia e proletariado são duas polaridades tendenciais que é sempre difícil definir, muito mais hoje, mas a própria realidade da luta de classes impõe reencontrá-las e reconstituí-las em todas as suas articulações internas e ao mesmo tempo nas suas características precisas e diferenciadas. (105)

Prossegue esclarecendo a "bipolaridade tendencial".

FERRAROTTI - Sobre esta base, a tarefa é dupla:

- de um lado, é necessário lançar mão duma reconstrução do conceito de classe e especialmente do proletariado, tal como tinha sido visto por Marx em toda a sua complexidade e rigor;

- de outro, é necessário examinar algumas das mudanças sociais em curso na Itália e nas outras sociedades industriais à luz de uma hipótese que reconhece, ainda, uma estrutura (e não um sistema) fundamentalmente bipolar das classes. (105)

Introduzindo o conceito de trabalho alienado-abstrato:

FERRAROTTI - o caráter penoso do trabalho, a sua manualidade, a sua baixíssima retribuição, etc. são todas elas, características específicas da condição proletária nos anos em que Marx escrevia mas não são de per si discriminantes para uma definição rigorosa da condição proletária; aceitando o trabalho alienado-abstrato como elemento determinante da condição proletária, o problema da determinação das classes sociais, prescindindo da questão da consciência, torna-se simples e compreensível. (107)

Prossegue, esclarecendo.

FERRAROTTI - posto que na sociedade capitalista a única forma de mediação econômico-social, real, não imediatamente inter-pessoal direta, é constituída pela mercadoria, isto é, o trabalho alienado-abstrato, tornado real em toda a sua riqueza. (107)

Identifica a classe intermediária.

FERRAROTTI - É possível recompor uma visão da sociedade tendencialmente bipolar, diversa da oficial de quase toda a sociologia moderna, fundada sobre a afirmação da existência e do reforçamento contínuo de

uma classe intermédia entre o proletariado e a burguesia que representaria um momento de redução dos desequilíbrios sociais e em cujo seio se reproduziriam diferenças só de estrato. (108)

FERRAROTTI - A dicotomia de base das classes, não exclusiva mas basilar, constroi-se distinguindo entre o grupo dos adquirintes (poderíamos dizer os gestores) de trabalho alienado-abstrato e a categoria de quem, vendendo a própria força de trabalho, se encontra a dar trabalho alienado-abstrato e a ser gerido quanto a ele. (107/8)

Por fim, um posicionamento mais direto e conclusivo.

FERRAROTTI - De um lado está a velha camada média, de outro a nova classe, a nova camada média, que interessa de maneira particular. Se de fato se conseguisse demonstrar que esta nova classe não só não contradiz uma hipótese bipolar-conflitual de explicação da realidade em termos de burguesia e proletariado, mas, antes, só no interior de uma hipótese deste gênero se pode explicar a sua origem e fundação teríamos não só desarmado todo o discurso "novo e moderno" sobre a classe média, mas posto também em crise uma série de erros extremistas em relação ao proletariado ainda identificado com "o pobre", segundo uma visão sociológica que é, ao mesmo tempo, pequeno-burguesa-católico-oficial, por um lado, e revolucionário-palrador, por outro. (110)

BON/BERNIER - (surpreendendo com a sua intervenção) A classe técnica, com a condição de unificar os grupos que a compõem, encontra-se em estado de se afirmar como ator histórico. (144)

O impacto dessa intervenção decorre do fato de se posicionarem um tanto externamente em relação a essa discussão toda, uma vez que não se propõem a resgatar o caráter revolucionário da classe operária, como os demais. Ao contrário, pretendem anunciar o advento de uma nova classe revolucionária representada pelos trabalhadores técnico-científicos.

BON/BERNIER - (prossequindo com a caracterização dos novos revolucionários) produtos e atores da revolução científica e técnica, perante hierarquias tanto mais oprimidas quanto mais frágeis, os técnicos e os estudantes vivem um conflito e uma crise que refletem amplificando os antagonismos do conjunto da sociedade. (136) A função de crescimento, de difusão, de gestão e de utilização do saber, tradicionalmente monopolizada pelos intelectuais da classe dominante, distingue-se hoje da função do poder. (137) Pela primeira vez na história das sociedades ocidentais, o saber é veiculado por uma camada social dominada, excluída do poder, submetida às hierarquias e às manipulações da sociedade neocapitalista. (137)

Fica no ar uma interrogação: pode-se, neste caso, se falar verdadeiramente numa classe ?

BON/BERNIER - (antecipando-se) Tratar-se-á de classe ? No sentido implícito do termo, é-o tanto como o proletariado ainda artesanal de 1848, ainda não inteiramente liberto dos laços com o campesinato e com a pequena burguesia das cidades. (139)

Prosseguem, esclarecendo melhor.

BON/BERNIER - O grupo permanece instável e diverso, pouco definido entre os modelos do passado e as exigências da era pós-industrial. Mas tende a distinguir-se radicalmente dos operários de fábrica e das antigas "classes médias" da pequena burguesia arcaica donde saiu. A sua taxa do crescimento excepcional, a sua função central e comum no processo de produção de uma sociedade dominada pela ciência e pela técnica definem-na como classe emergente, sem que ainda seja possível ler na sua fisionomia e nas suas atitudes os traços essenciais de uma classe constituída. (139)

Chegam a identificar os atores da nova classe em plena atividade revolucionária e não vacilam em alinhá-los ao lado dos que os precederam nos grandes períodos revolucionários da história.

BON/BERNIER - O grupo ou a classe caracterizam a nova etapa do desenvolvimento que se abre à sociedade/O corte revolucionário situa-se no início da evolução de um sistema/(107): desenvolvimento da manufatura, da finança e do comércio para a burguesia de 1789, da organização e da concentração industrial para o proletariado russo, da revolução científica e técnica para os estudantes de 1968. (102)

Contra todos os demais, especialmente Braverman, arrematam acerca da proletarização dos técnicos.

BON/BERNIER - Não se trata de metamorfose da classe operária ligada à proletarização dos escriturários: os técnicos distinguem-se pela natureza dos seus conhecimentos e da sua prática, que os diferencia nitidamente da "aristocracia profissional" derivada da primeira revolução industrial. Em ambos os casos, trata-se de uma elite técnica que constitui o eixo do processo produtivo. (137/8)

O debate volta a esquentar em relação as potencialidades revolucionárias dos técnicos e intelectuais.

POULANTZAS (parecendo dirigir-se a Braverman) - Existem possibilidades objetivas para uma aliança da classe operária com algumas frações da nova pequena burguesia, bem como para a hegemonia da classe operária. Mas deve ser percebido que, porque são membros de outra classe, os elementos da nova pequena burguesia devem ser conquistados pela classe operária. Isso não acontece automaticamente; a nova pequena burguesia não adota automaticamente a posição de classe da classe operária. E mais importante: mesmo quando conquistados pela classe operária, podem de novo ser perdidos. (14)

BRAVERMAN (rebatendo) - Esta "nova classe média", em contraste, ocupa sua posição intermediária não porque esteja fora do processo de aumento de capital, mas porque, como parte desse processo, ela assume as características de ambos os lados. Não apenas ela recebe suas parcelas de prerrogativas e recompensas do capital como também carrega as marcas da condição proletária. (344)

GORZ (de início, conciliador) - Aparecem assim as bases objetivas de uma unificação política e ideológica dos trabalhadores técnicos e manuais em vista de uma ofensiva comum contra a divisão capitalista de trabalho e as relações capitalistas de produção. Mas a possibilidade objetiva desta unificação precisa ainda ser explicitada pela definição dos objetivos e do terreno da luta. (247) (tornando-se mais incisivo) É nisso que eles são e podem saber que são,

ao mesmo tempo, recuperáveis e não recuperáveis para a revolução. (223) Quase sempre a revolta dos trabalhadores intelectuais é profundamente ambígua: insurgem-se não como proletários mas contra o fato de serem tratados como proletários. (24) (radicalizando, por fim) A defesa dos interesses profissionais imediatos dos trabalhadores científicos e técnicos do capitalismo; a defesa de seu direito incondicional a empregos onde possam usar suas competências atuais é indicador de uma linha política conservadora e não leva a nenhuma politização em profundidade. (222)

FERRAROTTI (vindo em socorro de Braverman) Uma das grandes componentes da classe média, mais ainda, a sociologicamente mais relevante (a tradicional "maioria silenciosa") descobre-se, ou melhor, vai-se descobrindo no concreto, como parte do proletariado, quando para definir o proletariado se usar a dicotomia fundada sobre o trabalho alienado-abstrato. (113/4) Também para estes técnicos pode fazer-se um discurso que mostra como longe de serem uma componente da camada média, eles são parte do proletariado, entendido naturalmente no sentido lato proposto mais acima, do proletariado dos anos 1970. (118/9) (Prossegue com entusiasmo) no momento em que o operário põe em discussão a cadeia de montagem aquela mesma cadeia cujas consequências em forma tão direta - mesmo se fisicamente menos perceptível - caem sobre o técnico, então a frente de classe unifica-se e é possível estabelecer uma ligação que vá mais longe que a eventual solidariedade ideológica e se converta numa real batalha de classe. (122) O técnico não pode pedir a monetarização da sua contribuição, enquanto que o proletariado pôde fazê-lo por largos anos; não pode pedir que tal contradição se perpetue a nível mais alto, mas deve imedia

tamente pôr em causa a sua própria possibilidade. É aqui que se dá, a nível político e de consciência, e não só estrutural, a confluência com os conteúdos mais avançados expressos pelos últimos desenvolvimentos da luta operária. (121)

Para encerrar o debate, Ferrarotti expressa um posicionamento o mais próximo possível da concordância geral.

FERRAROTTI - A solução da crise da sociologia do trabalho passa pois, necessariamente, através da ação direta da classe operária. (52) O discurso tradicional sobre a ciência e o proletariado transforma-se, rompe com qualquer esquema, por muito ilustre que seja, que fale da ciência ao serviço das massas, e ao mesmo tempo põe, de maneira completamente nova, o problema clássico da relação intelectuais-classe operária. Entra em crise o profissionalismo sociológico, o conceito de ciência como capital privado. Descobre-se sob um manto espesso de falsificações conscientes e de oportunismo, a descoberta fundamental do marxismo, ou seja, a essencial politicidade da ciência. (52)

BON/BERNIER (revirando a questão de cabeça para baixo e impedindo que tudo termine em harmonia) Como todos os grupos revolucionários minoritários, a classe técnica pode abalar, mas não derrubar o sistema, se não encontrar ponto de apoio noutras categorias da população: a relação das forças impõe-lhe a aceitação de uma aliança social. Nos países europeus, o proletariado parece designado para desempenhar este papel, embora se recuse energicamente a isso em vários Estados. (162)

CONCLUSÃO: UMA POSSÍVEL QUESTÃO DO OUTRO

A face do outro nos
contempla como um e
nigma.

Para MARX/Engels a alteridade se constitui nas e através das relações de produção. Eu e o outro são, antes de tudo, classes sociais. O enigma estaria, deste modo, decifrado. Toda a angústia e dilaceramento provocados pela alteridade como a conhecemos e sentimos decorreriam do antagonismo de classes que, até hoje, esteve na base dos sucessivos modos de produção e das suas respectivas organizações e relações sociais. Sem dúvida, alguma coisa se perde nesta abordagem. Contudo, não se poderá mais, daí por diante, ignorar as dimensões histórico-econômicas da formação e da evolução da alteridade. Nem abordá-la de forma dissociada da dinâmica das organizações sociais concretas.

E, como a descoberta do outro tem vários graus/pode-se muito bem passar a vida toda sem nunca chegar à descoberta plena do outro/Cada um de nós deve recomeçá-la, por sua vez; as experiências anteriores não nos dispensam disso. Mas podem nos ensinar quais são os efeitos do desconhecimento.

Aplicando a teoria à prática, Lênin vivenciou os problemas da alteridade de forma mais concreta e com a premência exigida pelos assuntos revolucionários. As classes e as relações entre elas são penetradas pelos problemas da alteridade individual. Lênin tenta elevar o conceito até o concreto. As classes se segmentam em camadas, grupos e estratos. A personalidade individual e as relações interindividuais precisam ser levadas em conta na prática revolucionária; exigem definição de processos que as incorpore satisfatoriamente à teoria geral. Lênin procura costurar num só fio (o fio ao mesmo tempo delgado e resistente da dialética) toda a diversidade das alteridades reais. Dialética teoria-prática, dialética vanguarda-massas, dialética saber-poder, dialética eu-outro. Desde Lênin (é seu o mérito) a questão do outro nunca mais pôde ser evitada na prática de todos nós.

Sendo nós outros que não eles, explicou, então o que deve ser para nós não deve ser para eles e assim cabe a nós ser o que achamos que devemos ser, porque somente nós é que pensamos que devemos ser isso que queremos ser./Viva nós !

A literatura faz do escravismo uma fonte romântica de análise da alteridade. Mas o escravismo é um modelo simples de alteridade coletiva: nós e eles. O indivíduo singular do grupo dominado é de tal modo desconsiderado que a relação somente pode ser captada nestes termos. Mesmo assim, tal alteridade apenas pode ser enunciada de um ponto de vista exterior à própria relação. No seu interior não chega sequer a existir. Se o outro está presente, objetivamente, diante de cada um dos grupos, ele é inexistente ao nível da consciência de cada grupo. Deste ponto de vista a relação é entre nós e nós. Na relação escravista, torna-se impossível a passagem do nós natural e impronunciado ao nós constituído pela alteridade, a nós por oposição a eles. Somente como analogia romântica a relação escravista pode representar a alteridade de classes. Os escravos, assim como os indígenas jamais conseguiram resistir com sucesso, e nesta condição, aos dominadores. E mesmo se esta relação lograsse evoluir para a constituição de um nós subjetivo e pronunciado, conduziria inapelavelmente à problemática da consciência de classe e do sujeito coletivo. Não escaparia, portanto, aos termos da dialética leninista.

Não é egoísmo, não. Cada um, é uma pessoa.
Não, não é novidade. Nem vim aqui dizer
coisas originais. Só queria dizer que eu
sou eu. Não consigo ser nós. Não é culpa
minha. Nasci assim.

Nós/Eles permanece prêso à cadeia da alteridade irreconciliável. Sem a singularidade o encantamento não se desfaz. A investigação se atrofia, congelada na rigidez institucional dos Partidos e dos socialismos reais. A verdadeira problemática do outro, a verdadeira alteridade passa a se desenrolar entre eu e nós. O singular e o plural da mesma primeira pessoa.

A compreensão dos outros é um ideal contraditório: requer que mudemos sem mudarmos, que sejamos outros sem deixarmos de ser nós mes
mos.

eu sou como eu sou
pronome
pessoal intransferível
do homem que iniciei
na medida do impossível

Do niilismo ao engajamento, da militância coletiva ao indivi
dualismo, da esperança ao suicídio. Ou vice-versa. O social
e o psicológico. Eu e o outro. Andamos em círculos e no en-
tanto a voracidade da Esfinge não cessa enquanto não solucio
namos o enigma.

Fonte das citações, pela ordem: Hélio Pellegrino, O Encontro Marcado, Fernando Sabino; A Conquista da América - a questão do outro, Tzvetan Todorov; Júlio Dandão, Viva o povo brasileiro, João Ubaldo Ribeiro; José, Zero, Ignácio de Loyola Brandão; Edith Piaf entre os pigmeus, Octávio Paz, The New York Times Book Review-Idéias/Jornal do Brasil; Cogito, Torquato Neto.

Por se tratar de obras literárias, dispensamo-nos de indicar as páginas respectivas.

BIBLIOGRAFIA

- BARAN, P. A. & SWEEZY, P. M. Capitalismo Monopolista, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar, SP, Cia. das Letras, 1987.
- BON, F. & BERNIER, M. Classe operária e revolução, Lisboa Edições 70, 1975.
- BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista - A degradação do trabalho no século XX, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- CENTRO DE ESTUDO DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. Classes sociais e trabalho produtivo, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- CHASSIN, J. (org) Marx hoje, Cadernos de Ensaio 1, São Paulo, Ed. Ensaio, 1987.
- ECO, U. Como se faz uma tese, São Paulo, Perspectiva, 1985.
- ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem, São Paulo, Global, 1984.
- FEDIUKIN, N. A revolução de outubro e os intelectuais, Lisboa, Editorial Estampa, 1978.
- FERNANDES, F. Sociedade de classes e subdesenvolvimento, Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- FERRAROTTI, F. Uma sociologia alternativa - Da sociologia como técnica do conformismo à sociologia crítica, Porto, Edições Afrontamento, 1976.
- FORACCHI, M. M. & MARTINS, J. S. Sociologia e Sociedade (Leituras e introdução à Sociologia) Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- FREDERICO, C. Consciência operária no Brasil, São Paulo, Editora Ática, 1978.

- GILLY, A. Sacerdotes e burocratas - introdução ao socialismo real, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- GOLDMANN, L. Dialética e ciência humanas, Lisboa, Editorial Presença, 1972.
- GONZALEZ, H. Karl Marx, São Paulo, Brasiliense, 2a. ed. 1987.
_____O que são intelectuais, 4a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1984
- GORZ, A. Crítica da divisão do trabalho, São Paulo, Martins Fontes, 1980.
_____O socialismo difícil, Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- GOUGH, I. Economia política del Estado del bienestar, Madrid, H. Blume Ediciones, 1982
- GUÉRIN, D. et alii. Os anarquistas julgam Marx, Brasília, Novos Tempos Ed., 1986.
- HILL, C. Lênin e a revolução russa, Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- HOBSBAWM, E. J. Revolucionários, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
_____História do Marxismo, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- HUNT, A. Classes e estrutura das classes, Lisboa, Ed. 70, 1982.
- KORSCH, K. Marxismo e Filosofia, Porto, Ed. Afrontamento, 1977.
- LÂPINE, N. O jovem Marx, Lisboa, Ed. Caminho, 1983.
- LEFEBVRE, H. Sociologia de Marx, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1979.
- LE GOFF, J. Os intelectuais na idade média, Lisboa, Gradiva, 1984.

- LÊNINE, V. I. Obras escolhidas, Lisboa-Moscú, Edições Avante-Edições Progresso, 1978.
- _____ Um passo em frente, dois passos atrás, Moscú, Edições Progresso, 1984.
- _____ Duas táticas da social democracia na revolução democrática, Lisboa, Ed. Avante, 1978.
- _____ Que fazer ?, Lisboa, Editorial Estampa, 1975.
- LINHART, R. Greve na fábrica, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- LUKÁCS, G. et alii. Estrutura de classes e estratificação social, Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- _____ História y consciencia de clase, México, Editorial Grijalbo, 1969.
- LUXEMBURGO, R. Reforma ou revolução?, Lisboa, Ed. Estampa, 1970.
- _____ O estado burguês e a revolução, Lisboa, Ed. Antídoto, 1979.
- MAGALINE, A. D. Luta de classes e desvalorização do capital, Lisboa, Moraes Editores, 1977.
- MARX, K. O Capital, São Paulo Difel, 1982.
- _____ Miséria da filosofia, Porto, Publicações Escorpião, 1976.
- _____ O 18 Brumário e cartas a Kugelmann, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- _____ Capítulo VI inédito de O Capital, São Paulo, Editora Moraes, 1985.
- _____ As lutas de classes em França, Lisboa-Moscú, Editorial Avante-Edições Progresso, 1982.

MARX, K. Textos filosóficos, Lisboa, Editorial Estampa, 1975.

_____ Crítica da filosofia do direito de Hegel, Lisboa, Editorial Presença, 1983.

_____ Salário, preço e lucro, Lisboa-Moscou, Editorial Avante-Edições Progresso, 1983.

_____ Contribuição à crítica da economia política, Rio de Janeiro, Martins Fontes, 2a. ed., 1983.

MARX, K. & ENGELS, F. A ideologia alemã, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Presença-Livraria Martins Fontes, 1980.

_____ Manifesto do Partido Comunista, Lisboa, Editorial Avante, 1975.

_____ Obras escolhidas, São Paulo, Editora Alfa-Omega, s/d

MERQUIOR, J. Q. O marxismo ocidental, 2a. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

MICELI, S. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945), São Paulo, Difel, 1979.

MILLS, W. A nova classe média, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

POULANTZAS, N. Poder político e classes sociais, São Paulo, Martins Fontes, 1977.

_____ As classes sociais no capitalismo de hoje, Rio de Janeiro, Zahar, 1978

REICH, W. O que é consciência de classe ?, Porto, H. A. Carneiro, 1976.

SAES, D. Classe média e sistema político no Brasil, São Paulo, T. A. Queiroz, 1984.

- SANTOS, T. dos. O conceito de classes sociais, 2a. ed., Petrópolis, Vozes, 1983.
- _____ Forças produtivas e relações de produção, Petrópolis, Vozes, 1984.
- _____ Revolução científico-técnica e capitalismo contemporâneo, Petrópolis, Vozes, 1983.
- TRONTI, M. Operários e capital, Porto, Ed. Afrontamento, 1976.
- VÉDRINE, H. As filosofias da história, Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- VILLALOBOS, A. A nova classe média, uma configuração do problema, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1976.
- WEBER, H. Marxismo e consciência de classe, Lisboa, Moraes Editores, 1977.
- WILSON, E. Rumo à estação Finlândia, São Paulo, Cia. das Letras, 1986.
- MARX, K. A questão judaica, 2a. ed., Lisboa, Ulmeiro, 1978.
- _____ Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos, São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- ALTHUSSER, L. A favor de Marx, 2a. ed., Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1979.
- _____ A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel, Lisboa, Editorial Estampa, 1981.

ALTHUSSER, L. Lenine e a filosofia, Lisboa, Editorial Estampa,
1974.

d'HONDT, J. Hegel, Lisboa, Edições 70, 1987.

FLICKINGER, H. Marx e Hegel - O porão de uma filosofia social.
Porto Alegre, L&PM-CNPq, 1986.

Dissertação apresentada aos senhores

Nome dos compo-
nentes da Banca
Examinadora

Esther Maria de M. Araújo

Belofaruz

Maria Luíza de Oliveira

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, ___/___/___

Newton Vaz de Almeida

Coordenador Geral de Ensino

João Roberto de Almeida

Coordenador Geral de Pesquisa